

Anno II

Num. 19

BELLO HORIZONTE. 15 DE MAIO DE 1916



A Vida de Minas

PREÇO \$500

A VIDA DE MINAS

Revista quinzenal ilustrada

N. 19 — Bello Horizonte

Expediente

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Paraopeba, 180, esquerda da rua da Bahia

Director -- Cysalpino de Souza e Silva

Redactor -- Milton Prates

Gerente -- Amador Bueno Horta

ASSIGNATURA

Anno.....	11\$000
Semestre.....	6\$000
Numero avulso.....	\$500
Numero atrasado.....	1\$000

AGENTES VIAJANTES

Cap. Alvaro da Costa e Silva
Vicente de Souza e Silva
Antonio Soares da Rocha
Affonso Rodrigues Malta
Fernando da Silva Barbosa
Francisco Antunes Correia
Coronel Joaquim Alves Tolentino

*

REPRESENTANTES E AGENTES LOCAES

Rio de Janeiro: Sr. Jean Krengel
Bello Horizonte: Basilio d'Avila
Alfenas: Dr. F. Magalhães
Barra do Pirahy: Caruso & Zappa
Barbacena: Adelino Azevedo
Bom Successo: José Carlos de Carvalho
Benjamin Constant: Nelson Marques de Magalhães
Campo Bello: José Maia Junior
Cruzeiro: Delbrando Barbieri
Campanha: Paulino de Araujo
Cambuquira: Santos Gordona e João Teledo
Cataguazes: Dr. Sandoval de Azevedo.
Conceição do Serro: Dr. Manoel da Matta Machado.
Claudio, J. M. Freitas
Curvello: Juvenil Amaral
Christina: Cysalpino Loureiro
Divinópolis: Brulino
Dóres do Indaiá: Pedro Joaquim da Silva
Entre-Rios (Estado do Rio): Luiz Palmier.
Formiga: Aluizio Toscano de Britto
Fortaleza, Alcides M. Dantas
Itaúna: Ivolino de Mattos
Itajubá: Nicandro Dias Coelho
Itabira do Mato Dentro: João Gonçalves Teixeira

Januaria: Martiniano Lopo Montâlvão e
Euclydes Liberaio dos Santos
Juiz de Fóra: M. Campos & G.
Lavras: Paulino Marques
Leopoldina: Dr. Gabriel Gonçalves de Almeida.

Lenções do Rio Verde: Sebastião Antunes de Souza

Marianna: Bento José de Oliveira
Maceió (Estado de Alagoas): Luiz Laverrière,
Mococa (E. de S. Paulo): Horacio Toledo e
Manoel Oca

Manhuassu: Adahyl G. Leite
Montes Claros: José Dias de Sá

Oliveira: Benjamin Maldonado

Ouro Preto: Luiz Fontana

Pitangui: Joaquim Nunes de Carvalho

Poços de Caldas: Pedro Henrique

Passos: Coronel José Manoel de Souza e
Silva e Capitão José Lemos de Vasconcellos
Perdões: Fernando Dias Oliveira Alvarenga.

Pitangui: Dr. Teixeira de Salles.

Ponte Nova: Dr. J. Sette Camara

Prados: José Cardoso Valle

Queluz de Minas: Juvenil Meirelles

Rio de Janeiro: Frederico Soria

S. João d'El-Rey: José França Pimentel e
Armundo B. Cunha

S. João da Ponte: Aristophanes da Silva
Pereira

S. Francisco: Antonio Cruz

S. Domingos do Prata: Dr. Alonso Starling

S. Paulo do Muriaé: Dr. Itagiba de Oliveira.

Santa Luzia do Carangola: Pharmaceutico
Alfredo Magalhães Queiroz.

Santa Rita do Sapucahy: Avelino Garcia

Sabará: Padre José Antonio Marques

Santo Antonio do Monte: Orsini Baptista Leite.

Sylvestre Ferraz: Genaro Maia Junior

Santa Luzia do Rio das Velhas: José Silvino

Sele Lagoas: Coronel Alvaro da Gama
Gerqueira

S. Sebastião do Paraíso: Carlos Orsi Pa-
renzi

Sete Lagoas: Coronel Alvaro da Gama
Gerqueira e Andrade & Andrade

S. Gonçalo do Sapucahy: Servulo Raymundo
da Silva e Pedro Theodoro da Silva

Tres Pontas: Antonio Tertuliano Ferreira
de Britto

Tres Corações do Rio Verde: Alvaro Avellar

Uberaba: Benedicto Pina

Villa Nepomuceno: Antonio José de Car-
valho

Villa Nova de Lima: José de Avila Oliveira

Varginha: Bento Xavier do Prado

C-171C-011
1916. 05. 15
Revista nº 19
1º exemplar

Medicos, Advogados, Dentistas, etc.

Dr. Hugo Werneck

Atende aos clientes das 12 ás 14 horas em sua residencia Av. Tocantins, 499, e das 14 ás 16 em seu consultorio.

RUA DA BAHIA, 1075

Dr. Leontino da Cunha

Clinica medica e doenças nervosas. Residencia e consultorio -- Rua Tupinambás, 973

CONSULTAS DAS 12 ÁS 4

Telephone, 459

BELLO HORIZONTE

Pharmacia Abreu

de A. SOARES

A mais antiga da Capital
Fundada em 1894

RUA DA BAHIA, 1086

Casa propria

Telephone, 129

Dr. Juvenal dos Santos

MEDICO

Consultorio Rua Tupinambás

n. 1094

J. Baptista de Faria e Mario de Castro

Gabinete de clinica odontologica -- Rua Tupys, 64.

BELLO HORIZONTE

Agencia Internacional

Jornaes, revistas e figurinos. Venda avulso e assignaturas sem alteração de preços. — Antonio Cruz — Rua Silva Jardim — Cidade de S. Francisco — Norte de Minas.

Dr. Virgilio Machado

RUA ESPIRITO SANTO

BELLO HORIZONTE

Dr. Godoy Tavares

Residencia e Consultorio:

Hotel Central. Telephone, 475.

Das 11 á 1 hora

Dr. Santa Cecilia

Medico-oculista -- Consul-

torio : Av. Affonso Penna, 354

De 1 ás 3 horas da tarde

Dr. Alfredo Balena

Clinica medica

Avenida Affonso Penna, 354

Dr. J. J. Vieira Filho

Aplicação dos agentes physico naturaes (electricidade, raios x, radium, calor, etc.) no tratamento das molestias chronicas e nervosas.

Consultas-Rua da Alfandega, 95 das 2 ás 4 horas. Rio de Janeiro

Dr. Antonio Aleixo

Consultas a qualquer hora

Avenida Affonso Penna, 330

Dr. Almeida Cunha

Laboratorio de analyses

Avenida Affonso Penna, 354

Dr. Carlos Accioly Sá

Clinica medica e de crianças

Residencia : rua Ceará. Consultorio : Av. Affonso Penna, 354.

Dr. Octaviano de

Almeida

Operações, partos, gynecologia e vias urinarias.

Residencia: Santa Casa de

Misericordia. Telephone, 72.

Consultorio: Av. Affonso Penna, 354. De 1 ás 3.

Dr. Eduardo Borges

da Costa

Consultas das 2 ás 5 da tarde

RUA DA BAHIA, 1.433

Dr. Levy Coelho

RUA GOYAZ

BELLO HORIZONTE

Dr. J. J. Vieira Filho

Tratamento das doenças syphiliticas, da pelle e morphea.

Consultas-Rua da Alfandega, 95 das 2 ás 4 horas. Rio de Janeiro.

Dr. Maximiano Octavio de Lemos

MEDICO

RUA TUPINAMBÁS, 641

Telephone, 234

BELLO HORIZONTE

Dr. João Arcieri

Consultorio cirurgico dentario

Rua do Espirito Santo, 222

BELLO HORIZONTE

Dr. A. Campos Brandão

Cirurgião dentista e pharmaceutico pela Escola Americana d'O Granbery. Gabinete dentario: Rua Gonçalves Dias n. 1058. — Bello Horizonte.

**Commendador Evaristo
Gonçalves Machado**

ADVOGADO VITALICIO
Residência : Rua Claudio Ma-
noel, 693

Dr. Abilio Machado

ADVOGADO
Rua Santa Rita
Bello Horizonte

**Dr. Affonso Penna
Junior**

ADVOGADO
Rua Aymorés
Bello Horizonte

**Dr. Alcides Baptista
Ferreira**

ADVOGADO
Av. Pareopeba
Esquina da rua Espirito Santo
Bello Horizonte

Thereza Benassi

Parteira pela Real Universida-
de de Modena (Italia)
Consultas na Pharmacia Italo-
Brasileira, de 1 ás 2 horas da
tarde. Caetés. 556. Residência -
Rua Tamoyos, 1034.

Drs. Fabio Prevost Nery

Mario da Silveira Leite
ADVOGADOS
Rua Rio Novo, 45 -- La joinha
BELLOHORIZONTE

Dr. Estevam Pinto

ADVOGADO
Rua da Bahia
Bello Horizonte

**Dr. Benjamin de
Paula Lima**

ADVOGADO
Rua Guajajaras
Bello Horizonte

**Antonio Donato da
Silveira**

DENTISTA
Avenida Amazonas, 711

Vigilato da Silveira

DENTISTA
Rua da Bahia N. 894

Dr. Bernardino de Lima

ADVOGADO
Rua da Bahia, 1726
Bello Horizonte

Dr. Alfredo Ribeiro Mendes e
Dr. J. Antonio Marques
Escritorio de Advocacia
"Luzo-Brasileiro"
SABARÁ — MINAS

Dr. Ernesto Cerqueira

ADVOGADO
Av. João Pinheiro
Bello Horizonte

Dr. F. Mendes Pimentel

ADVOGADO
Rua Guajajaras, 211
Bello Horizonte

Dr. Perculano Cesar

ADVOGADO
Santa Rita Durão, 154
Bello Horizonte

Dr. Jarbas Vidal Gomes

ADVOGADO
Rua Sergipe, 220
Bello Horizonte

Dr. Necesio Tavares

ADVOGADO
Bahia e Tymbiras
Bello Horizonte

As plantas medicinaes são en-
contradas no "HERVARIO MI-
NEIRO -- Esquina Carijós,
com Avenida Affonso Penna.

Pharmacia Soares

Aviam-se prescrições medicas
com todo o
asseio e promptidão.
Serviço escrupuloso
Avenida Paraná e rua Carijós
n. 821

"American system"

J. M. RETES

Photographo -- Especiali-
dade em Portarit.
Rua da Bahia, 1057. An-
tiga Photographia Belem.

Alfredo de Castilho

Cirurgião dentista -- Rua
Tamoyos -- Bello Horizonte
Casa do dr. Haberfeld

Dr. José J. da Gama Cerqueira

Cirurgião dentista -- Tele-
phone, 433, Rua Caetés, 376,
Bello Horizonte.

Francisco Plá

Cirurgião dentista -- Av. Pa-
raopeba, 114. Bello Horizonte

OLIMACOL

Excellente preparado para lim-
peza e polimento de moveis e
ferro envernizado. Preço do
vidro 1\$000. A' venda em toda
parte.

J. Muinhos

Photographo -- Rua da Ba-
hia, 894. Bello Horizonte.

Dr. Meton de Alencar

Molestias dos olhos. — Ex-chefe do dr. Moura Brasil. — Consultas de 1 ás 3 da tarde. Rua Pouso Alegre, 690. (Floresta). Bello Horizonte.

Dr. Octaviano Magalhães

Residencia
Rua Claudio Manoel, 180, Serra

Dr. Ernesto Senra

Operador e parteiro.
Residencia e consultorio —
Rua S. Paulo, 690.

Dr. Manhães Filho

Partos, operações e vias urinarias. Especialista na cura radical da hernia e hydroceles p. los processos mais modernos. Applicações de 606 e 914. Residencia — Itatuna — E. F. O. M.

Dr. David Rabello

Cirurgia, partos e vias urinarias
Telephone, 522

Dr. Carlos Meirelles Filho

Escriptorio
Avenida Affonso Penna, 363

Dr. Argemiro de Rezende Costa

Rua da Parahyba n. 1.155

Dr. Lincoln Prates

Rua do Ceará n. 1.330
Telephone, 548

Dr. Alcides Junqueira

ADVOGADO

Rua da Bahia n. 1694

Dr. José Antonio de Medeiros Cruz

Acceita causas neste fôro, no das comarcas visinhas e no Supremo Tribunal Federal.
Rua Goyaz, 310

Dr. Ignacio Magalhães
MEDICO

Consultorio e residencia : rua
Rio de Janeiro
Esquina rua Goytacazes

Dr. Necesio Tavares

Escriptorio
Rua da Bahia n. 901, sobrado

Dr. Nelson de Senna

Advogado
Rua Santa Rita Durão n. 906
Telephone, 111 — B. Horizonte

Dr. Diogo Renato de Vasconcellos

Escriptorio — Rua Guarauy, 340

Dr. Themistocles Halfeld

Advogado
Rua Sergipe n. 28

**Dr. Antonio Benedicto Valla-
dares Ribeiro**

Rua do Espirito Santo, 1296
Telephone, 374

Dr. Elias Horta

Especialidade: Questões commerciaes, trabalhos na primeira instancia perante o Tribunal da Relação e Juizo Seccional.
Escriptorio: Rua Jacuhy, 95

Clinica Cirurgico Dentaria

Theophilo de Oliveira Netto

Tratamento em oito dias da sinuzite pelos vapores frios de iodo, produzidos por aparelho de sua invenção.
Rua Pouso Alegre, 160, Floresta

Dr. João Flecha

Gabinete
Rua Espirito Santo n. 871

**Serraria S. Geraldo
Pereira & Oliveira**

Deposito de lenha serrada e rachada a electricidade. Moínhos de fubá. Rua Januaria, 43.
Telephone, 293. B. Horizonte

Sebastião Xavier

Procurador de partes
Rua das Alagoas.

R. Barros & Irmão

Representações, Consignações e Conta Propria. Telegramma Oumar. Avenida Affonsa Penna, 339. — Bello Horizonte.

Casa Abilio

Abilio & Comp.

Importadores. — Especialidade em ferragens. Artigos para instalação sanitaria. Molduras para quadros. — Telephone, 63 Avenida Paraná, 163 e Rua Carijós, 822.

Casa Boldrin

Louças sanitarias, vidros, ferragens, trens de cosinha, molduras, espelhos e confecções de quadros, cimento, materiaes para construcções, artigos photographicos e material electrico.
F. Jardim & Furett
Commissões e consignações.
Av. Aff. Penna, 359 — Tel. 309

A INSTALLADORA

Grande deposito de material para electricidade. Instalações de luz, força, telephones e campainhas electricas. Officinas para enrolamento de motores, dynamos, etc. Serviços garantidos e preços modicos. Depositario das lampadas Votan e Osiam 75 % de economia.

Commissões e representações.

End. Teleg. SANTUZA

Rua Caethés, 706 — Telep. 319.

Francisco Santos Souza

Empreiteiro electricista

Instituto Claret

Dirigido pelos padres do Coração de Maria. Rua da Bahia e Aymorés. Telephone, 628. Bello Horizonte.

Medicina Vegetal

do Padre Gustavo E. Coelho
S. João d'El-Rey - Minas
Preço de vidro 5\$000 — Remetemos pelo correio sem aumento de preço.

Mororó Depurativo do sangue, exclusivamente feito de vegetaes. Cura syphilis e impurezas do sangue, doenças da pelle. E' estomacal, bom para o figado, rins e intestinos.

S. João d'El-Rey - Minas — Padre Gustavo E. Coelho.

Preço do vidro 5\$000. Remetemos pelo correio sem aumento de preço.

Focillina Combate a neurasthenia, e doenças nervosas, exgotamentos, insomnias.

Padre Gustavo E. Coelho — S. João d'El-Rey-Minas. Preço de vidro 5\$000. Remetemos pelo correio sem aumento de preço.

A qualquer pessoa que nos envie o endereço de sua residência, symptomas de seus soffrimentos, com bastante clareza, mandaremos conselhos sobre qual remedio deve usar para uma cura efficaz.

Padre Gustavo E. Coelho — São João d'El-Rey-Minas.

Preço do vidro 5\$000. Remetemos pelo correio sem aumento de preço.

Phyllanthus Para incommo-
do da mulher,
dá côr, viço e belleza. Poderoso
tonico do organismo.

Padre Gustavo E. Coelho — São João d'el-Rey-Minas. Preço de vidro 5\$000. Remetemos pelo correio sem aumento de preço.

Yerobina Cura doenças do estomago e intestinos, fraqueza, fasio, acidez.

Padre Gustavo E. Coelho — S. João d'El-Rey-Minas. Preço de vidro 5\$000. Remetemos pelo correio sem aumento de preço.

Yucaty Tratamento de gonorrheas, exclusivamente interno.

Padre Gustavo E. Coelho — São João d'El-Rey-Minas. Preço de vidro 5\$000. Remetemos pelo correio sem aumento de preço.

Vegetalino Infallivel no reumatismo e dores nevralgicas.

Padre Gustavo E. Coelho — S. João d'El-Rey-Minas. Preço de vidro 5\$000. Remetemos pelo correio sem aumento de preço.

Canahyba Para doenças do gado.

Preço do vidro 5\$000.

Remetemos pelo correio sem aumento de preço.

Padre Gustavo E. Coelho.

Parentana Especifico vegetal dos rins.

Padre Gustavo E. Coelho — São João d'El-Rey-Minas. Preço de vidro 5\$000. Remetemos pelo correio sem aumento de preço.

Empreza de Instalações de Luz e Força

Engenheiros Electricistas
Importação de lampapas electricas. Empreiteiros de instalações electricas. Motores e ventiladores electricos. Permanente stock de lampadas 1/2 Watt

Estudos - Projectos - Orçamentos
Escritorio: Rua de S. Bento n. 14 (2.º Andar-10) S. Paulo.

Representante no Estado de Minas — Soares & Avila, Avenida Paraopeba, 120.

Dr. Mello Leitão

Molestias de creanças.
Residencia: rua Ceará, 1375.
Consultorio: rua da Bahia, 1075

Dr. Antonio Guimarães Pinheiro

ADVOGADO

Rua Pernambuco n. 1525

Pharmacia Dutra

do pharmaceutico Angenor Dutra
Rua Carjós, esquina da rua São Paulo

Dr. Ataliba Sales

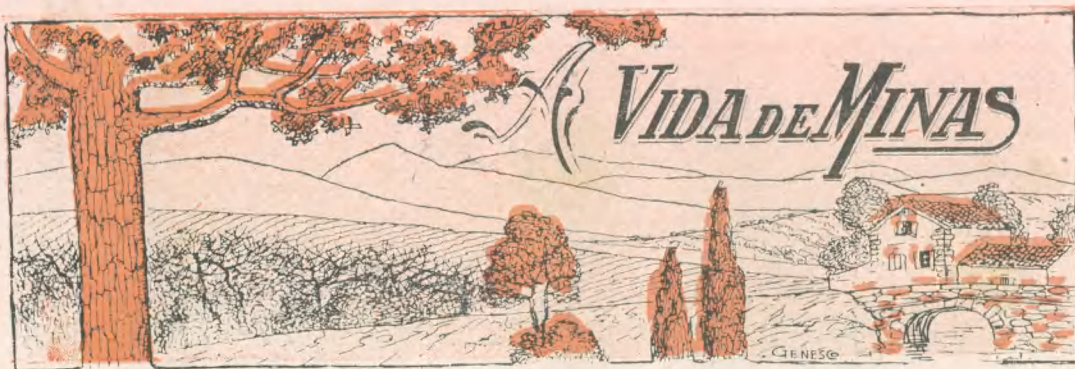
Advogado
Avenida João Pinheiro, 698

Dr. José Eduardo da Fonseca

Advogado
Bello Horizonte

Anten Drummond

DENTISTA
Tratamento de abcesso alveolar fistuloso
SANTA RITA, 1209



A LITERATURA DE AMANHÃ

Escrever nesses tempos é um dos actos de ousadia que têm o premio em si mesmos. Com effeito, se um dos dogmas da educação moral é que se deve pensar por si, isto é, apenas um idéal, e, na complexidade immensa da vida moderna, a auctoridade do Mestre, em arte, como em sciencia, é quasi militar.

Ora, na literatura estamos positivamente sem mestres. Nacionaes, não os temos, porque aquelles aos quaes poderia com certa justiça caber esse titulo reconhecem, com toda consciencia, que todas as formulas do seu pensamento e da sua arte são productos da civilização europea. Mas, na Europa, maior do que a crise economica produzida pela guerra, é a crise do pensamento.

Antes da guerra, a grande corrente espiritual que agitava as consciencias tinha tendencias claramente mysticas e idealistas. Maeterlinck evocava os espiritos, Bourget era o apostolo do clericalismo, e as senhoras iam assistir na Sorbonne ás conferencias de Bergson, embora sem entender patavina. Produzido, porém, o grande abalo universal, que é que se viu?

O philosopho do "Trésor des Humbles", em nome da Belgica devastada, pedia, num accesso de odio, o exterminio do ultimo allemão, os padres alistaram-se aos milhares dos dois lados, e até os socialistas que,

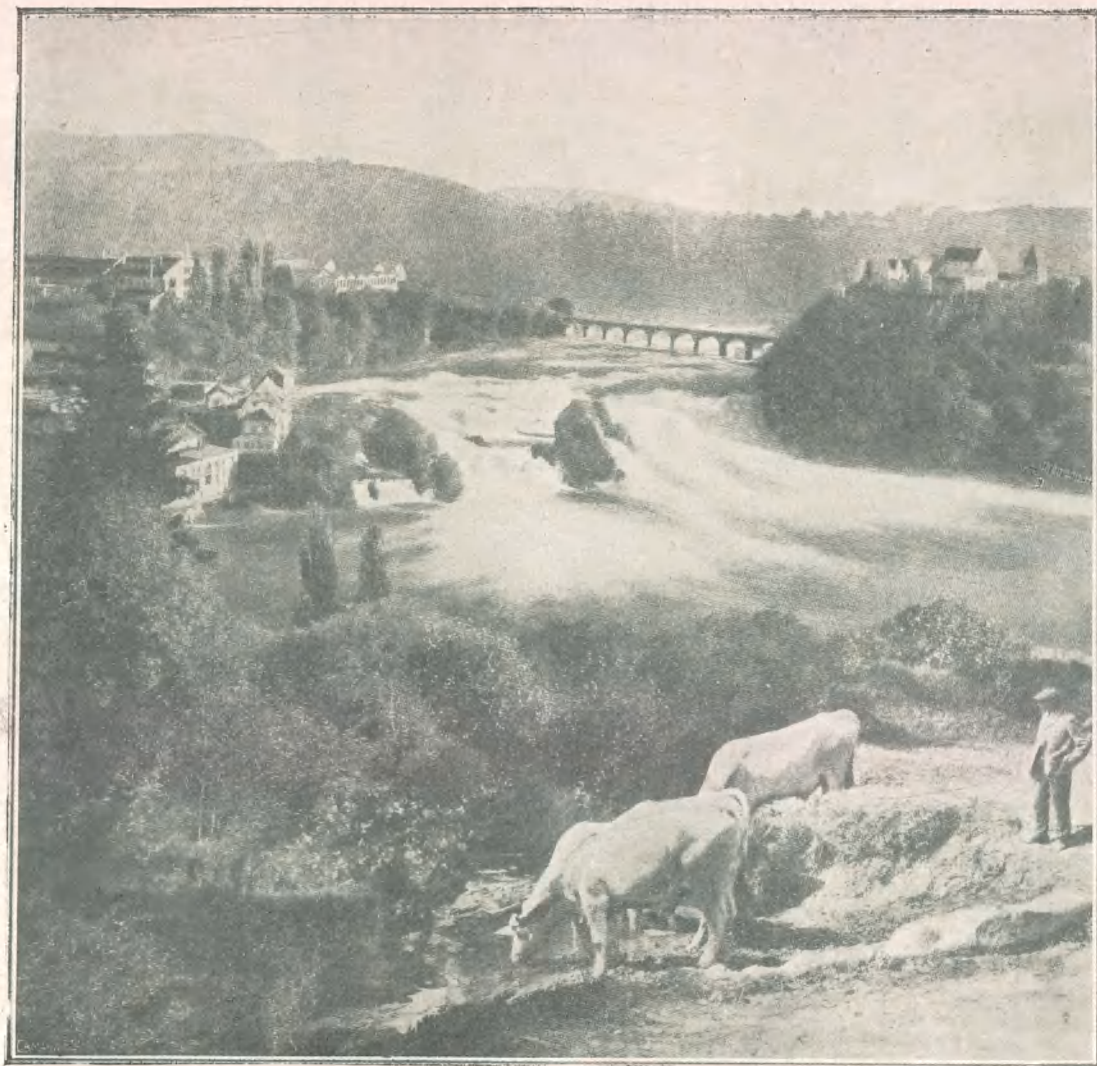
nos congressos da paz, sellavam, aos beijos, o juramento da insurreição no dia em que as castas militares quizessem atirar os os povos uns contra os outros, depois partiram silenciosamente para se assassinarem.

Eterna omnipotencia das idéas contra o sentimento! Lá estão nos buracos da terra, lado a lado, os que pensavam e os que não pensavam, morrendo juntos aos milhares, enquanto o resto da nação atraz, mulheres e crianças, trabalham nas fabricas pela destruição do inimigo.

Quando a paz voltar, e a arte e a sciencia tomarem a sua *revanche*, para onde nos guiarão? Por certo que as psychologias complicadas que formavam a trama dos romances e dramas modernos perderão o seu interesse, diante da erupção formidavel dos instinctos naturaes. Esses guerreiros que voltam aos lares, cansados, não irão, numa depravação sentimental, meditar, nos cafés ou á beira mar, se seu amor por Mlle. é amor puro ou misturado de libertinagem, ou de amizade.

Não, elles quererão ter filhos, para preencher os grandes claros abertos nas cidades e campos. E diante de semelhante tarefa a literatura psychologica, tal como entendida hoje, fenecerá por falta de inspiração.

G. L.



A PAZ

O tédio... e eu, até agora, estou firmemente convencido de que foi aquella gravata, aquelles dentes, aquelles olhos, aquella cara que me fizeram tédio. Um tédio perenne, um tédio constante que se desdobra, que se prolonga, que se reproduz, que prolifera e multiplica....

Porque, senhores, eu me entedio, eu vivo entediado desde aquelle dia fatal. Era eu um moço alegre, folgazão, ria e sorria, era communicativo, era expansivo: hoje, não: sou a alma do tédio, moram em mim, como o perfil do tédio, todas as cegonhas que entedeiam as almas dos tristes.

Eu lhes conto. Ia para uma festa levando na alma alegre todos os guizos de uma felicidade jubilosa....E, ao caminho, apresentaram-me aquelle rapaz, aquelle moço fatal, aquelle homem horrivel—O sr. Fulano de

tal Castro. Olhei. Era uma dentadura saliente, muito branca e muito saliente, uma cor de lacre falso, uns olhos de papagaio velho, uma gravata que não era azul mas parecia vermelha desbotada, uma côr ind cisa entre ouro ve lho e prata azinhavrada. Que horror.

E elle, sorrindo, sorrindo sempre, dizia-me com os dentes sahidos e os olhos manchados numa nodoa de roupa velha: eu sou o Castro, o Castrinho.

E sorria, e sorria com os olhos, com os dentes, com a côr do rosto todo inundado em lacre falso.

E aquelle moço parecia trazer em si, aos seus olhos, no seu riso e em sua gravata toda a sementeira fecundadora do Tédio...

E eu, até agora, estou firmemente convencido de que foi aquella gravata, aquelles dentes, aquelles olhos, aquella cara que me fizeram tédio....

Chronica da quinzena

Minha senhora,

Recebi, e tenho guardada entre as coisas que mais lisongeam minha vaidade, a deliciosa carta com que V. Exc. me surpreendeu no domingo, quando eu preguiçava, logo depois d'almoço, sob as arvores do meu quintal.

Era meu desejo exprimir-lhe, no calor de uma manifestação pessoal, o meu agradecimento pela attenção amavel que V. Exc. vem prestando, conforme diz, ás coisas que se alinham nesta columna.

As simples iniciaes com que se assigna conservam-lhe, entretanto, um incognito que acredito proposital. E não seria tarefa facil, e nem talvez delicada, apurar, com tão vagos indícios, a identidade do fino espirito que mantém, em tão lindo cursivo, tão cerrada logica, em favor do feminismo.

Porque, a sua carta, minha senhora, é uma profissão de fé feminista.

E eu estaria inteiramente d'accordo, quando mais não fosse pelo prazer de entender-me com uma senhora, si V. Exc. não affirmasse, num excesso de boa fé, que a mulher pode muito razoavelmente viver de sua penna e por ella emancipar-se, resolvendo assim o seu caso economico.

Ha nisso uma verdade incontestavel, minha senhora, em França.

Alli, muito antes de madame de La Fayette com a *Princesse de Glèves* e madame de Sévigné, com suas cartas, no seculo XVII, até hoje, passando por George Sand, Judith Gauthier, madame Sarcey, Pierre de Coalevin, Jean de la Brète, para só citar as mais conhecidas,—a mulher, emparelhando com o homem, vem fazendo uma vasta literatura, que a França lê e canali a para o mundo.

Na França, pois, minha senhora, V. Exc. teria dito uma verdade incontestavel e eu concordaria com V. Exc. Mas essa verdade, como as outras, em geral, varia assustadoramente no espaço. E no Brasil, já não estou mais pelo accordo.

E dou minhas razões.

Para que uma mulher possa realmente viver de sua penna é indispensavel que ella tenha, antes de tudo, leitores. E nós, minha senhora, no Brasil, não sabemos ler.

Já aquella luminosa gente da «Conquista» gritava essa coisa lamentavel alli por volta de 88 e da Abolição.

Com a Democracia, declarados os «Direitos do

Homem», aberta a livre concorrência ao Poder,—a coisa peorou.

Nós todos, brasileiros, coroneis e doutores, passamos a arredondar o olho para o Cattete, passamos a aspirar mui justamente, mui naturalmente, *ser governo*.

O programma foi fazer em vez de leitores, eleitores. E os outros, os que chegamos depois de 89, sahimos da escola com o sufficiente para assignar a acta d'eleição e com o bastante para escrever obscenidades nos muros.

Os que vão além constituem um nucleo selecto, diminuto, que não prefaz, sommando, os trezentos de Gedeão.

E esse nucleo não se pode contar como *público*, pela razão muito simples de estar todo elle em casa, de pyjama, escrevendo tambem.

Nesse andar, minha senhora, viver das letras, neste paiz, tem consistido, mesmo para os homens que as fazem boas, um bello euphemismo. E não dá outro resultado, além dum logarsinho no Syllogeu, cuja vantagem está toda no elogio que se apanha depois de morto.

Além dessa questão de leitores, ha a examinar, num livro a ser lido, si elle merece realmente leitura.

E a esse respeito, minha senhora, no que toca á literatura feminina, nós somos simplesmente um desastre.

Por uma inversão curiosa de papeis, á parte talvez a sra. Julia Lopes, é a escriptora que prima justamente, entre nós, pela escabrosidade e falta de elevação moral.

Não ha em sua obra nenhuma contribuição, nada que illustre, oriente ou affecte a qualquer das chamadas «questões eternas», que afligem a humanidade no seu ideal de perfeição.

Livro seu, que não decorra em torno do seu caso pessoal de ventura ou desventura, é, por via de regra, um relato romanesco, de effabulação corriqueira, sem unidade, nem substancia e cuja finalidade fica imprecisa, como impreciso e duvidoso o estylo em que é vado.

Gente desse theor não pode, pois, razoavelmente pretender viver da sua penna, a menos que este paiz, ganhando em população, ganhe em pacovios que, Deus louvado, já não são poucos.

De V. Exc.,

A C. F.

AGONIA DA AUSENCIA



Amar-te, sem te ver, dias e dias,
Cego ao sol, surdo a toda a natureza,
A nossa estrada é cheia de aspereza,
A nessa vida é feita de agonias.

Bemdigo, entanto, as duvidas sombrias,
E aquellas horas, negras de tristeza,
Porque, num beijo, dos teus braços presa,
Todos os bens da terra me trazias.

Consumamos de amor as nossas vidas !
Aniquile a saudade os nossos seres,
Mas guardemos as lagrimas sentidas

Em nossos corações, como em dois colres :
--- Que é um consolo eu saber e tu saberes
Que o que eu soffro por ti por mim tu soffres !

Franklin Magalhães



Autophographia de Virginia Lebrun, da Galeria de San Lucas, de Roma.

Mestres de outr'ora

III

PADRE ANTONIO PERRIN

«Levantar entre os dedos, no altar da misericórdia e do perdão, a hostia consagrada, parece ser a missão e o officio mais leve, não é verdade? Pois bem; não ha nada que torne a mão mais pesada».

Isto dizia Ramalho Otigão, no Tomo VIII d'As Farpas, ao noticiar que um padre, director de um collegio, no Porto, fôra ali querelado, por haver corrigido um alumno de quatorze annos de idade, applicando-lhe algumas bofetadas e—trinta e seis palmatoadas.

Continuando a commentar essa selvageria hedionda, accrescenta o vigoroso estylista que um rachador, passando a sua vida a cortar, a machado, a espêssa e dura fibra dos carvalhos seculares, daria no seu pequeno aprendiz uma pancada brutal, mas não repetiria esse golpe trinta e seis vezes, tranquillamente, pacientemente, piedosamente, como quem desfia num rosario as Ave-Marias da corôa á Virgem Purissima.

Só um verdadeiro rancor de clérigo, *odium theologicum*, pôde levar um homem a espancar por tal modo uma criança, friamente, systematicamente, por espaço de dez ou quinze minutos, como si se tratasse de cumprir o dever da tortura no tribunal do Santo Officio. Relendo, agora, essa velha pagina do velho Ramalho,—meu espirito, voando de reminiscencia em reminiscencia, pousou num casarão que erguia sua solidez macissa em uma vasta Praça, tristonha e nua, de uma cidade do interior de Minas, dentro de cujas frias paredes minha pobre infancia longinqua definhou por espaço de tres longos annos.

Foi ahi, nessa santa casa, onde a vida transcorria entre o monotonio sussurro das rezas, o agudo tilintar das campainhas e o enervante cheiro de incenso,—foi ahi que, ainda menino, poucos dias depois de internado, presenciei, horrorizado e attonito, uma scena quasi analoga á de que foi protagonista esse asqueroso padre portuense.

Vi um pulso ecclesiastico erguer ao ar, não propriamente trinta e seis, mas vinte e quatro vezes consecutivas, uma formidavel palmatoria, que, vinte e quatro vezes, estalou nas mãos de um meu collega, criança como eu. Dias depois, por occasião do primeiro banho a que assisti e em que tomei parte, em um pôco profundo, longe do Seminario (pois, nessa casa de educação não havia banheiras), vi, com olhos crescidos de pismo e de medo, largas ecchymoses roxas, espalhadas pelos bracinhos e pelos troncos dos franzinos corpos de muitos de meus collegas, as quaes eram produzidas pelos brutaes beliscões applicados piedosamente aos mesmos pelos dedos brutaes de um padre, que, por signal, tinha o nome ironico de Benedicto.

Ah!—(bem o senti!),—foi nesses dois dias que se abriu a primeira fenda na capellinha branca que minha mãe, com tanto amor, tanta ternura e tanto desvelo, levantara, dia a dia, para nella abrigar a minha fé e as minhas crenças de adolescentel....

Mas,—perguntar-me-ão.—eram todos assim, grosseiros e perversos, os professores desse collegio, onde tanto se resava e que fora fundado sob os auspícios da religião do amor e do perdão?

Não,—apresso-me em confessar-o, sem, todavia, excusar a directoria do mesmo, em cujo nome e com cujo consentimento, si não complicitade, se commettiam essas atrocidades, que ainda hoje me revoltam. Havia excepções, a mais brilhante das quaes era o padre

Antonio Perrin, esse doce e meigo velhinho, cuja physionomia risonha e mansa se gravou nas profundidades de minha alma, com tão forte relevo, que ainda agora, quarenta annos depois, a evocação da mesma me bannha o coração de enternecida saudade.

Natural da Alsacia, ainda lhe sangrava, viva, quando entrei para o Seminario, a ferida que o desmembramento da patria lhe produzira no coração patriota. Todavia, sabia recalcar no mais recondito da alma a dor, que lhe ficara, do ultraje feito a sua amada França pelo estrangeiro invasor.

Um sereno sorriso optimista brincava, perenne, naquelles labios sinceros, que só se descerravam para dar passagem á verdade, irman gêmea da limpida bondade, a qual, no conceito de um philosopho, para honra de nossa especie, illumina tudo quanto é verdadeiro, assim como a sombria tristeza entenebrece, lugubre excepção á risonha natureza, tudo quanto é, no mundo, fundamentalmente erroneo e falso.

Alvas farripas circumdavam-lhe a parte posterior do craneo, de uma coroa nevada, a qual attestava gloriosamente que os gelos de setenta invernos se haviam accumulado sobre aquella cabeça veneranda, sem, entretanto, vergal-a,—tal era o calor do sol interior que illuminava e que aquecia aquella formosa alma de apostolo. De estatura mediana, alentado de fôrmas, de larga fronte aberta, onde alvejava ampla calva veneravel, tendo nos olhos castanhos uma dogura infinita, na bocca um riso acolhedor e bom, com os braços sempre abertos em attitude de amplexo, o padre Antonio era o idolo da criança que, durante os recreios, o cercava, o envolvia irreverentemente, numa ronda alacre e gritadora, a disputar as fructas e guloscimas, que elle distribuía, enternecido, como um velho avô dadivoso e paciente.

Era nosso profesor de Francez e de Historia, e seu ensino era proveitoso e bem acceito, porque de seus labios nunca desceu sobre nossas almas timoratas uma palavra aspera; nunca, em suas aulas, um grito de coleara fez pulsar mais depressa nossos corações assustadiços. Elle realizava integralmente o preceito que annos depois, Anatole France fixou em seu admiravel livro —*Le crime de Syvestre Bonnard: «On n'apprend qu'en s'amusant. L'art d'enseigner n'est que l'art d'éveiller la curiosité des jeunes âmes par la satisfaction ensuite, et la curiosité n'est vive et saine que dans les esprits heureux.»*

E' verdade que a Historia que elle nos ensinava era, toda ella, repassada desse ingenuo providencialismo que nada explica, e o livro que elle nos mettia nas mãos era um famoso compendio de Monsenhor Daniel, o qual continha cousas mais ou menos parecidas com aquella que um critico jocoso nos conta haver lido em um manual adoptado no ensino do tempo delle: «Não é bem certo que Clodião, o Cabelludo, houvesse jamais existido; como quer que seja, seu filho morreu...»

O importante, porém, era que as materias que elle preleccionava eram estudadas com prazer e aprendidas sem constrangimento, o que demonstra, mais uma vez, que a fêrula nunca esclareceu a menor questão de grammatica ou de arithmetica, e que os bôlos, as taponas, os ponta-pés nunca ensinavam a collocar uma virgula no seu logar, nem a distinguir um adjectivo verbal de um participio presente.

O padre Antonio Perrin a todos nós conquistava e de todos nós se fazia amado, porque era manso de coração, de accordo com a maxima biblica: «*Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram.*»

Ainda agora, evocando sua figura apostolar e meiga, sinto attenuada a impressão de horror que o primeiro contacto de minha infancia com a batina deixou em minha alma, com um vinco indelevel, e chego, às vezes, a pensar que, assim como Anchieta reconciliou Euclydes da Cunha com a Companhia de Jesus, é possível que a memoria abençoada desse bondoso e querido mestre ainda me faça reconciliar com o clero....

Aurelio Pires

O pessimismo constructor

de Lima Barreto

Meu caro Milton Prates.

Acabava eu de ler a tua *Conversa de pessimistas* quando recebi o ultimo livro de Lima Barreto, *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, que me foi remettido pelo bonissimo coração de Rodolpho Machado.

Li-o de hontem para hoje. Li-o de um tolego.

Parece-me que agora é que vamos tendo uma consciencia mais nitida do que somos e do que pretendemos ser. Até ha pouco viviamos embalados em visões de haschich, sonhando, como o Braz-Bocó de que nos falla Bilac, numa riqueza que era uma das maiores, sinão a maior, de todo o planeta...

—«E que terras!... pensava Braz-Bocó. Cobertas de uma vegetação maravilhosa, tendo nas entranhas riquezas prodigiosas, banhadas por immensos rios, que fertilizam immensos campos, rolando sobre leitos forrados de diamantes.»

Esta, imagem perfeita do optimismo brasileiro. Braz-Bocó, nédio, roliço, a estourar de plethora sanguinea, com o sorriso alvar de um individuo satisfeito de si mesmo, que nada aspira e de nada cogita...

Mas, ainda ha o revez do desenho. A outra face da medalha é, na phrase de Sylvio Romero, «a maledicencia avesada, que muita gente costuma confundir com o pessimismo depois que tal expressão penetrou na litteratura pela repercussão do systema philosophico de Schopenhauer e Hartmann.»

E o mestre da critica brasileira affirma que existe entre as nações duas especies de pessimismo.

«Um é a consciencia da força e da coragem de lutar; sente-se chamado a grandes feitos, impellido á accção e começa por achar mau aquillo que o cerca, na esperança de fazer melhor. Fala desassombrado, não gosta de vilanias, não intriga, não sabe mexer-car.»

Quasi não o temos nós. Possuimos vastamente o outro; e o outro é cheio de curvaturas e zig-zags; é corrompido e impertinente. Tem consciencia, por apagada que seja, da sua impotencia, não tem planos a realisar, não se bate por ideias, não tem doutrina e as vilezas não o assustam.»

Este é o pessimismo que lava como o tortulho na imprensa brasileira, que inspira os trocadilhos e os ditos espirituosos nas nossas reuniões e que quasi sempre guia a penna do critico incumbido de analysar o ultimo livro publicado.

O pessimismo que inspirou a tua chronica e o livro de Lima Barreto é daquell'outra especie.

Triste fim de Polycarpo Quaresma é uma analyse pungente do character nacional. Mas, não é a satyra que deprime, não é a mordacidade que avilta. E' a voz da verdade que nos murmura ao ouvido os nossos proprios defeitos.

O nacionalismo de Polycarpo Quaresma, que é mais ou menos o que numa nevoa ligeira esvoaça no cerebro de toda gente, fazia-lhe ver o paiz com «todos os climas, todos os fructos, todos os mineraes e animaes uteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira mais intelligente e mais doce do mundo», de forma que «a grande patria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior á Inglaterra».

E' isto mais ou menos o que anda no espirito de todos nós.

Emquanto miragens risonhas como as visões de um fumador de opio iam tecendo no cerebro exaltado do major Quaresma esses paraísos artificiaes, ia elle verificando com tristeza a falta de solidariedade entre a gente do campo; o apoio mutuo não existia, as familias viviam isoladas, sem sentir a necessidade da união para o trabalho da terra. Pairando sobre tudo isto, como um milhafre ameaçador, a politica de campanario, representada pelo escrivão da collectoria e pelo dr. Campos, medico sem clientela, lançava impostos asphyxiantes sobre uma população de miseraveis e apertava nas malhas dos seus cochichos a vermina humana, que já não tinha pensamento nem sabia o que era vontade propria.

Nas cidades, a educação domestica cheia de fallhas e ainda limitada pela visão estreita da educação colonial. Os rapazes, de que era archetipo o Genelicio, destinados ao emprego publico, servis e sem pudor, enchendo os chefes e superiores de todo incenso que podiam. As moças, mal sahiam da puberdade, ou mesmo antes, com a ideia incrustada no cerebro pelas mães «de que se deviam casar a todo custo, fazendo do casamento o polo e o fim da vida, a ponto de parecer uma deshonra, uma injuria ficar solteira.»

E os enredos, as intrigas de aldeia, a alma popular symbolisada no sentimentalismo piegas e no violão de Ricardo Coração dos Outros, os interesses egoisticos collocados acima do interesse da nação, todos os problemas da economia publica discutidos á luz do proveito pessoal e, pairando sobre toda essa miseria, a iofinita covardia moral que nem mesmo se atrevia a criticar um acto da administração...

—Não me metto nessas coisas, meu amigo. O Governo tem sempre razão. Passe bem».

Tudo isto se acha naquellas paginas com a transparencia da lymphá de um regato, com as linhas vivas de uma positiva photographica, com a sinceridade caustica de uma verdade.

Este é o pessimismo que vibra a satyra apon-tando para o bem, para a gloria, para o porvir florescente e sublimado.»

Mas... estou vendo que vou entrando pouco a pouco na seara alheia.

Isto é uma carta de amigo para amigo, meu caro Milton. Nem de leve me passa pela mente fazer critica. Alem de que, nós não temos critica e nem tão presumido sou eu que a pretenda fazer...

Sempre teu

F. L. de Assis Vianna



Dr. José Porfírio Machado, il-
lustre advogado em S. Paulo.



Não sei porque; mas gosto do *frio*, esse friosinho que já vem chegando leve, fino, flébil, adejando nas azas da brisa de leste, muito suave e ligeiro.

O frio me predispõe para o bem. Sinto na alma o desejo affectivo das cousas e dos gestos bemfazejos. Parece que elle me traz, de extranhas região ignoradas, o bafejo da bondade, respirado de longe. Lá de uma Siberia adormecida á paz de gelidos regatos, onde o ceu é todo um bloco de gelo e as estrellas pallidos topázios de neve condensada. E' de lá sem duvida que nos vem o frio, como odoroso halito de um anjo incompreendido, arrefecendo nas almas o denso calor da maldade, esse calor que queima num indifferentismo e é por certo o resultado de constante attrito onde se chocam as ambições da vida, de par com os máos desejos, o egoismo, e toda essa velha torre indestructivel da crueldade humana.

E o frio põe na alma da gente um refrigerio delicioso, tornando-a aberta e propicia aos doces movimentos do Bem.

Desperta-nos um vivo desejo de unir-nos, aconchegarmos num só ninho tepido, como passarinhos bons, vivendo irmãmente num só anelo de paz e carinho, num sonho bem sonhado de ternura e amor.

Por isso o frio é evocativo para mim. Elle desperta, em minha memoria, uma phase distante da vida, que vae longe, muito longe, adormecida dentro

de mim, como um sonho inverosimil, feito d'arminho e luz. Não havia a ambição invejosa, a amizade era um sentimento doce, em que preponderava o legitimo affecto puro que, dir-se-ia, do ceu emanava directamente e para lá de novo evolava, sem nem ao menos tocar ao de leve nas cousas humanas, imperfeitas e más. Era um tempo feito de sorrisos, sem a comprehensão desoladora da *Vida*, e vivido entre alegrias e puresa, gosado como certamente os anjos gosam lá num quieto cantinho do Paraíso, num amavio de luar perenne e eternas flores perfumosas.

O frio vivifica as recordações. E, notae, as recordações que elle nos traz, vêm sempre com um pouco de felicidade, desprendida por ahi, no incerto caminho da vida, onde nem sempre canta a ave branca da Ventura.

Por isso eu gosto do frio, esse friosinho que já vem chegando leve, fino, flébil, adejando nas azas da brisa de leste, muito suave e ligeiro.

Sem a mulher, o mundo para o homem seria um deserto.

A. Herculano

Fragilidade! tens nome de mulher.

Shakespeare.

Olga, Castellões, Gioconda e Luiz XV São as melhores
marcas de ci-

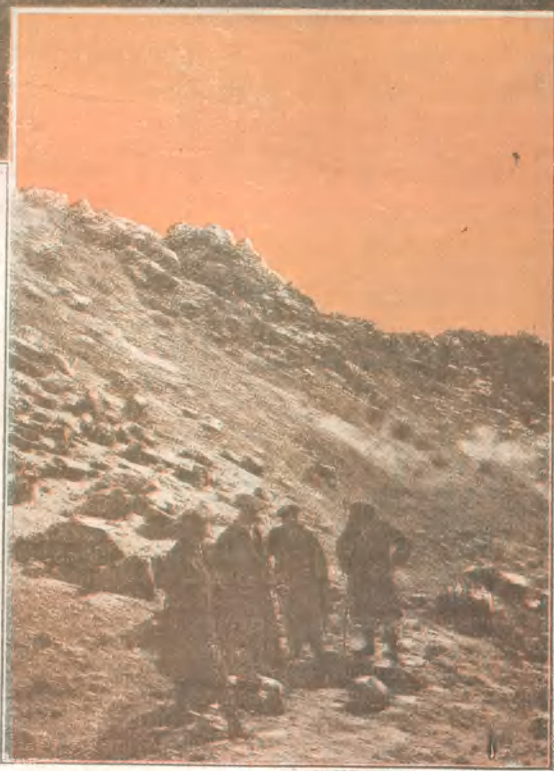
garros de todo o Brasil

UMA EXCURSÃO A TEIDE



Os homens de sciencia já estudaram sufficientemente a montanha e o vulcão de Teide e já deixaram o passo livre a curiosos e aristas que peregrinam, com frequencia, galgando penhas, para admirar os segredos das forças mysteriosas, hoje adormecidas, e contemplar as immensas perspectivas que se descobrem do pinaculo.

O Pico do Teide, propriamente dito é um monte sobre outro monte. Alça-se a mil e setecentos me-



tros de altura; sua formação vulcanica é mais poderosa do que a do Vesuvio. Desde a base se desdortinam panoramas de grandeza sem par, principalmente quando asalturas se acham coroadas de neves. Na diaphaneidade da atmosphera, os objectos parece perderem a sua distancia e do alto do magnifico Teide não é possivel avaliar a altura das outras montanhas.

As massas de lava que se desprendem, em cinzas negras esten-

didas sobre as escarpas, apresentam um aspecto estranho, cobertas de pedras pomes, formando campos movediços. A grandissima altura está a *Gueva del Hielo*. A congelação da agua da gruta attribuiu-a Humboldt a uma evaporação local muito rapida. O vulcão tem varios respiradores chamados pelo povo os narizes do Pico. A parte mais escarpada de Teide, a mais alta, é quasi que absolutamente inacessivel.

Geographia de poetas

As sociedades humanas, aggregados de seres vivos, estão sujeitas ás leis biologicas e são, portanto, condicionadas em primeiro lugar pelo meio physico em que se estabelecem.

Não se pode considerar uma sociedade ou uma raça em abstracto, vivendo num ambiente ideal, creado pela imaginação. Variando as condições mesologicas, com ellas, necessariamente, hão de variar os grupos humanos, offerecendo differenças que não se podem, razoavelmente, explicar pela simples noção de raça.

A formação sociologica brasileira ha de ser fundada, por conseguinte, no estudo previo da terra, do meio, das condições naturaes em que se desenvolve o nosso povo.

Este estudo preliminar tem de formar a base de toda a construcção sociologica e por falta delle é que alguns publicistas de bôa fé têm chegado a conclusões erroneas, algumas das quaes desanimam o nosso patriotismo.

Os periodistas, viajantes e escriptores que espalham aos quatro ventos a sentença de condemnação do povo brasileiro como raça inferior e incompetente partem do seguinte raciocinio:

O Brasil é o paiz mais rico do mundo;
Entretanto, o povo é pobre e atrasado;
Logo—é porque é incapaz....

Ainda recentemente James Bryce repetia a mesma argumentação perguntando si o nosso povo seria digno dessa grande terra. O pensador inglez, saltando no Rio de Janeiro, correu á Tijuca e ao Silvestre, extasiou-se deante da magnificencia tropical da flora e... cahiu no mesmo erro de generalização em que incorrem os nossos philosophos de esquina.

Ora, o syllogismo mencionado é falso, porque a premissa não é verdadeira. Com effeito, a idea da excepcional fertilidade e das immensas riquezas naturaes do nosso paiz é a «mais perigosa illusão» de quantas tem engendrado a robusta phantasia dos meridionaes.

A nossa geographia physica, disse-o Euclides da Cunha, é um livro inedito. Faltam-nos conhecimentos positivos sobre a base physica da nacionalidade e por isso vivemos a repetir como verdades scientificas meras fições de antigos chronistas amaveis...

A primeira noticia enviada a Portugal sobre a terra descoberta continha o germen da mentira geographica.

Na celebre carta, narrava o escripto da Armada, Pero Vaz de Caminha:—«A terra por cima é toda chã e cheia de grandes arvoredos... é de muitos bons ares, assim frios e temperados como os d'Entre Douro e Minho... As aguas são muitas e infindas, de maneira que querendo aproveitar-se esta terra tam graciosa dar-se-á nella tudo por bem das aguas que tem.»

Gabriel Soares, o autor anonymo dos «Dialogos das Grandezas do Brasil» e Pero Magalhães Gandavo no seu «Tratado da Terra do Brasil» desenvolveram aquelle embrião de falsidade que veio a culminar no gongorismo de Rocha Pitta, *Historia da America*

Portuguesa: «Do novo Mundo... é a melhor porção o Brasil: vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro....»

Este lyrismo encantador serviu de *leit-motiv* aos nos românticos, foi cantado pelos poetas, celebrado pelos homens de governo e ainda hoje é ensinado nas escolas onde as crianças papagueiam os nomes de todos os metaes preciosos como producção do Brasil no reino mineral.

Tanto falamos na uberidade espantosa do solo e na riqueza mythologica do sub-solo, em contraste com a nossa relativa penuria, que um illustre historiador inglez Thomas Buckle, poz em theoria o facto do nosso atraso no meio da terra uberrima e explicou que a Natureza era tão luxuriante que impedia e suffocava a acção do homem....

Tudo isso é, talvez, muito bonito e sonoro, mas está positivamente em desacordo com a realidade. E' preciso ter a coragem de dizel-o e o trabalho de provál-o com algarismos, dados e informações exactas. Para tal se faz mister o perfeito conhecimento das condições geographicas do paiz, num estudo completo, sem preoccupações aprioristicas.

Quando realizarmos esta obra, de urgente necessidade, deixaremos de repisar idéas falsas e de persistir na mania de exaggerar as nossas qualidades ou os nossos defeitos.

Verificaremos, então, que outros paizes são mais ricos em recursos naturaes ou têm mais facilidade para a sua exploração. Na industria mineral somos, actualmente, mais pobres em ouro e diamante que o Transwaal e a Colonia do Cabo, não podemos competir com o Mexico e o Canadá na riqueza da prata.... Começa apenas a ser explorado o carvão de pedra nacional e só temos, realmente, grandes possibilidades quanto ao ferro, cujo problema ainda está dependendo de solução.

Si temos valles ferreís, manchas de terras excellentes, como a famosa *terra roxa* de S. Paulo, largos tractos do territorio nacional são constituídos de terras de má qualidade, verdadeiros carrascaes que se não podem comparar com as planicies fecundas do Campo Argentino com as Campinas da Hungria, com os prados que se succedem do Montana ao Kentucky e com as *terras negras* da Russia.

Sem falar nos cerrados de S. Paulo e nos penhascos do sul do Espirito Santo, ha em Minas consideravel extensão de schisto argiloso, micaceo e sidero schisto que de modo algum podem alimentar regularmente as culturas e produzir satisfactoriamente.

Referiu-me o dr. Alvaro da Silveira que o sabio professor Gorceix dava a estas rochas a denominação de *schisto da fome* e não se cansava de admirar a persistente coragem do nosso caipira que continua a habitar terrenos tão ordinarios e a tirar delles meios de subsistencia com as suas plantações de milho, feijão, mandioca e outras.

Si é, pois, verdade que a Natureza é hostil, ora pelo impecilho das mattas, ora pela esterilidade e secura,—ella não é, todavia, invencível como pensava Buckle. Foi enorme a luta para desbravar a terra e povoal-a, mas o Brasileiro se abalançou a esta empresa e realizou-a com pleno exito.

A VIDA DE MINAS

Ainda hoje vale por uma epopéia o esforço dos nossos patricios para a conquista das terras de boa qualidade na região de Baurú, no Rio Doce e, principalmente, na Amazonia, onde o «caboclo de canellas finas e dentes aguçados», o audaz cearense, tem escripto paginas de heroismo pratico só comparaveis ás do bandeirante paulista no seculo XVII...

E' tempo de abandonar a preocupação de idéas e cousas estrangeiras e volver os olhos para nós mesmos, para o paiz inteiro, para este vago interior tão ignorado e esquecido da élite incompetente que nos dirige.

Façamos um inquerito consciencioso do que somos, do que temos feito e do que poderemos fazer.

Estudemos a nossa terra para fazer justiça á nossa gente.

Maio, 1916.

DANIEL DE CARVALHO

Como o sol é o ornamento do mundo, o ornamento do lar é a mulher.

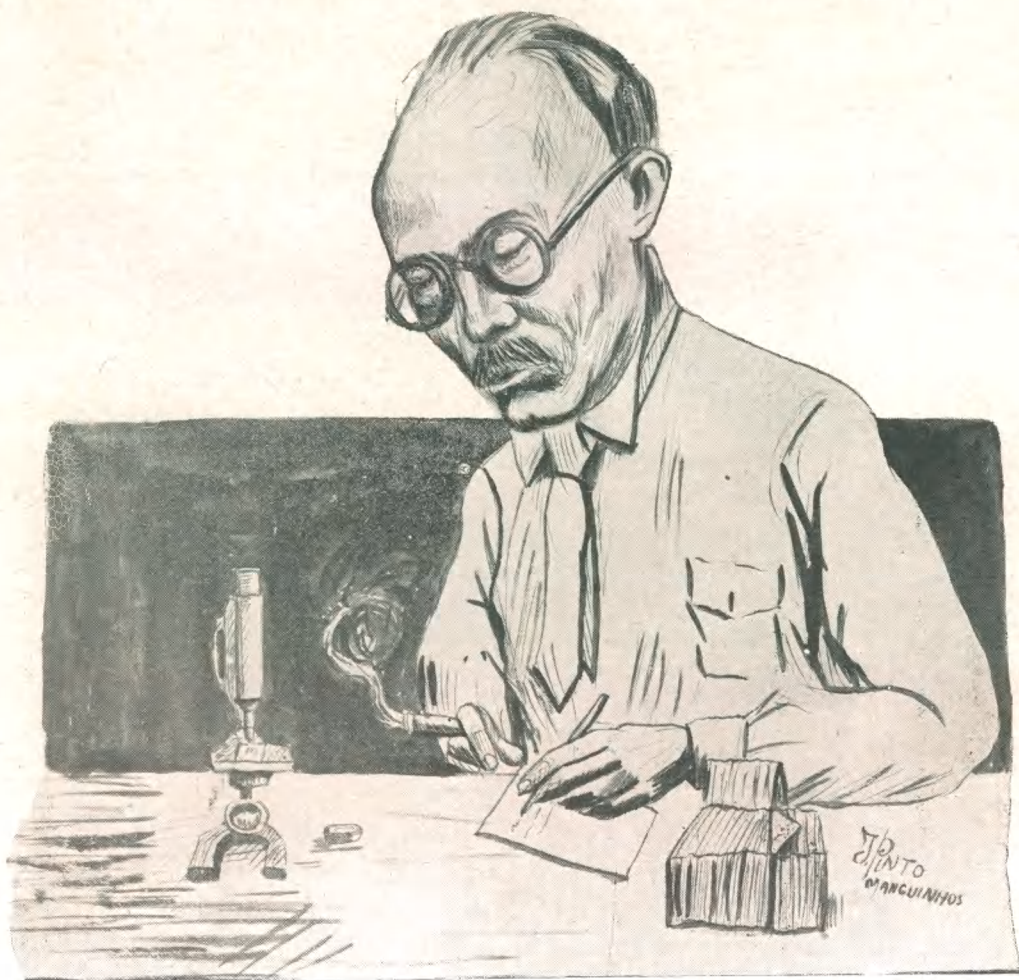
As mulheres são a mais bella metade do mundo.

Rousseau

Ama-se uma mulher como se descobre um mundo: pensando sempre nisso.

As mulheres são fracas, porque só são sustentadas pelo coração.

Pythagoras



Uma caricatura do dr. Ashford, delegado da Rockefeller Foudnation, por J. Pinto



A quinzena
sportiva

Instanta-
neos apa-
nhados no
Prado Mi-
neiro.

O team
do America
Foot-Ball
Club.



O team
do Tira-
dentes
Foot-Ball
Club.



BALLADA

Quando por mim, anjo, passaste,
Os olhos postos para o chão,
Moria a tarde, o sol morria !
-- Como nateu meu coração !
A tua pallida se erguia
Talvez pr'a ver-te, mas em vão !
E a noite azul resplandecia...
Rosas beijavam a tua mão !

E assim passaste, vaporosa,
Threno d'amor, doce canção
Como o perfume d'uma rosa,
Rosa de Abril, doce visão !
Depois seguiste tão graciosa,
Toda de branco, cor da lua,
Que eu não sabia a mais formosa
Si aquella noite ou a imagem tua !

E o teu perfil de anjo doente
A noite branca, aquelle luar,
Tudo em minha alma docemente,
Ficou-me n'alma a soluçar !
Sempre em meu verso, alma discrente,
Has de encontrar o teu perfil
E essa fristeza eternamente,
Dos olhos teus, rosa de Abril !

Archangelus Guimarães



16 ARIJA

Notas artisticas

De S. Paulo

A vida artistica na capital do visinho Estado vae em franca prosperidade, como se pode ver pelas noticias que de lá nos chegam. As duas sociedades ali existentes, a de «Concertos Classicos» e a de «Cultura Artistica» tudo teem emprehendido para estimular e desenvolver o senso esthetico dos paulistanos, promovendo festas de fino gozo espiritual.

Porque não se unem os «virtuosi» do nosso modesto meio no sentido de fundar aqui uma sociedade congenera?

Decididamente, estamos condemnados a morrer de tedio nesta formosa Capital...

Giuseppe Verdi

O glorioso e fecundo compositor italiano, idolo de sua patria, deveu á popularidade mundial de suas operas uma larga e solida fortuna.

Assim pôde elle pôr ao serviço da Caridade a sua generosa bolsa, protegendo com a sympathia mais profunda as creanças pobres e os velhos musicistas que conhecera na mocidade.

O favor mais philantropico de Verdi é talvez a famosa «Casa di riposo per musicisti», de Milão, um dos raros institutos no genero, apenas precedido pelo que Rossini fundou em Auteuil e seguido pelo de Germantown, na America do Norte.

O edificio occupa uma área de 4.200 metros quadrados e tem luxuosas accomodações para 60 homens e 40 mulheres; custou milhão e meio de libras e foi inaugurado aos 31 de dezembro de 1899.

E' na «Casa di riposo» que jazem os restos mortaes de Verdi e de sua mulher.

Bechstein Hall

Já nos não chocam, nem nos aterrorizam, as listas infundaveis dos mortos e feridos nos theatros da Grande Guerra: acceitamol-as como a chuva e o vento, como um trivial phenomeno da vida.

Gritam as gazetas—que o commercio se desfez?—que mães e filhos morrem á fome?—que tantos mil foram massacrados?

Que importa! Apenas se nos tornam estolidas as faces... e buscamos outra secção do jornal.

Mas muitas vezes é um minuscuro detalhe mais tocante que causa horrores na massa: penetra-nos o intimo e vae contar a guerra—como estúpida, e nefasta, e louca.

Ainda agora acaba o Conselho do Condado de

Londres de confiscar o *Bechstein Hall*, um dos mais populares salões de concerto da mais populosa cidade do mundo.

Pertenceu esse *hall* a Ediwin e Carlos Bechstein, dois allemães valorosos, consagrados fabricantes de pianos, que o haviam hypothecado ao *tom* de 1.000 contos de reis; pois tinham já amortisado cerca de 440:000\$000, quando veio a Grande Guerra e os encontrou na t rra patria—e a ruina os levou!

E' certo que os Bechstein e seu auditorio são apenas uma pequenina desgraça ante as catastrophes do grande conflicto, em que pese o facto de terem elles prestado mão forte á boa causa da musica; mas a Grande Guerra foi além: multiplicou por milhões essa desgraça pequenina...

Gottschalk

Luiz Moreau Gottschalk foi um dos maiores compositores dos Estados Unidos da America, tendo nascido em New Orleans, no anno de 1829.

Attrahindo desde cedo a attenção de seus contem-



Agenor Veiga, Joaquim Chagas (de pé), Vicente Dias e Fabio de Oliveira, distintos moços residentes em Campanha.

poraneos, antes mesmo de completar em Paris a sua educação musical, conquistou na «Cidade Luz» grande fama e entusiasmo, e mereceu altas referências de Hector Berlioz, o celebre auctor de «A Damnção de Fausto». Exerceu influencia sensível no progredimento artistico da America, e produziu, entre outras, as seguintes composições: The Last Hope, The Dying Poet, Il Tremolo, The Banjo, e a «Grande Phantasia Triumphal» (op. 69) sobre o nosso Hymno Nacional.

O BRAZIL é a eucharistia sagrada dos «Lusiadas». Fizemol-o á nossa similhaça, com torrentes de vida—o nosso sangue, com um hymno de aurora— a nossa fé, com estrellas de dor—as nossas lagrimas. Fizemol-o com beijos e canções, lavrando, batalhando, rezando, de armas nas mãos e de mãos postas. Viver é conviver. Viver é amar. O grao de amor é o grao de vida e vida infinita chama-se Deus—infinito amor. Mas não vae para Deus quem traz unicamente nos labios a syllaba suprema. A invocação não basta. Quem o não realisa não o adora. Ha homens bons que se julgam atheus e são deistas, como ha deistas rancorosos, que são atheus e o não conhecem. Luiza Michel foi deista e Torquemada foi atheu. Os homens e as patrias valem, pois, mais ou menos, conforme seu grau de religião, quer dizer, o grao de fraternidade, o grao de amor.

A patria mais perfeita será a mais local, pelo amor á gleba, e a mais universal, pelo amor ao mundo. O meu amor á patria começa das amizades do meu corpo ao ar que respiro, a agua que bebo, ao pão que me alimenta, ao fructo que desejo, á flôr que me embalsama, á luz que me deslumbra. Depois vem o amor á minha casa, desde os avós aos netos, dos berços aos sepulchros. Depois o amor á minha aldeia—choupanas e cavadores, a igreja de Deus ao centro e o cemiterio ao lado.

Depois o amor á provincia, á região, á patria toda—aos mortos, aos vivos aos vindouros. Mas a chamma de meu amor espirital beijará com mais devoção os que mais enobreceram á Patria, isto é, os que mais honraram a humanidade.

GUERRA JUNQUEIRO

Ah, o encanto symbolista

dos roseiræes em Maio!... A doçura dos jardins inviolados, pelas tardes christãs em que ha clamores de sinos, tons preraphaelistas nos poent s, morbidos arpejos na natureza, e virgens de languoroso sorriso, pelas estradas!....

Numa tarde lenta e antiga, em horas de crepusculo, lembra-me quando o jardins solitarios, embuçados em manto de bruma, me chamaram pela voz dos perfumes que um dia me penetraram, em golfões, pelo quarto a dentro. Lembra-me.... Trazia a sensibilidade ainda nevoenta do inverno. Um encanto estranho de subito transfigurára, (que occulta voz mysteriosa, lá fóra, me tentava?). Accudi ao appello mudo que me faziam os jardins, silenciosos, e sabiu, a contemplar e evocar qualquer cousa que não tinha vivido se-



O intelligente e habil cirurgião dentista Augusto de Figueiredo Lima, residente em Sabará

não num vago e remoto passado e que se me acordava n'alma com a dolencia de um extasi hereditario. O milagre da luz, a revelação p lo perfume! Pois essa alma de diabo mystico, irreverente e inquieta, poderia, naquella hora descuidado, deixar-se vencer por uma doçura que era um enleio de seda, por um torpor que era um extasi suave?—a minh'alma, ajustando o seu rythmo ao rythmo fecundante dos jardins, o biblico mysterio de um morrre de tarde que finaliza, desfeita em sons de sino, minhas irmãs vestidas de branco e coroadas de rozas, as mulheres a passar, trazendo nas retinas o reflexo tardio dos crepusculos,—tudo, tudo mais o perfume confidencial das flores a bailar ao vento, fundia-me o ser, inundando-o de uma claridade insolita, avelludada, quasi casta.... Cheguei a extranhar-me tanto que quasi me não conheci.... Lembra-me bem.... Pedira á saudade que exhumasse de minh'alma essa outra furtiva alma antiga que se debatia em fiim, feita de naves, sinos e incensos.... Pedira, mas em vão! Porque, pouco e pouco, se apossára de mim um longo e fundo quebranto,—dolorosa volupia—que me levára a cahir, vencido e tremulo, sobre a relva florante, e, de mãos postas, a alma de joelhos quasi, á maneira de quem vae coroar a Virgem Suprema, murmurar e viver por um instante branco esta palavra, entre todas evocativa e branca: Maio!....

Maio é um estado d'alma.

A. V.



Os caricaturistas e a guerra — A instrução militar dos recrutas ingleses menores de 18 annos.

Mendes de Oliveira

Não vae longe o tempo, em que a maioria dos poetas se deliciava nas pieguices eroticas de um lyrismo exclusivo, sem a melopéa avinhada das odes anacreonticas, e com todos esses calhaus de grammatica e arestas de estylo com que, á conta de naturalidade no verso, se estucava a revezes o fundo comum de uma these sedica e estafada...

Esta escola, porém, já vae descambando para o occaso. E felizmente... A reacção foi natural.

O symbolismo entre nós não vingou também: não vingou porque, se poucos tiveram exito na implantação d'aquella escola, rarissimos têm hoje o admiravel talento de Alphonsus de Guimaraens, para a comprehender no seu melhor sentido e impor-se á admiração publica, restando-nos, no mais, pelo organismo literario, mórbidos vestígios apenas de uma epocha sorumbatica, em que a mania de graphar os substantivos com letra maiuscula raiava no paroxismo.

Mendes de Oliveira é uma prova exuberante e um bello exemplo da nova corrente literaria.

Poeta espontaneo, de raça e inspiração, entalha em estrophes de perfeição lapidaria de fôrma, themas algumas vezes novos, sempre emocionaes e suggestivos, pelas imagens bellas, proprias, vivas e brilhantes, como brilhantes pequeninos a jorrarem luz.

A leitura dos dous livros *Jogos Floraes* e *Prelios Pagãos*, leva-nos, sem hesitações, a arrolar-lhes o auctor entre os parnasianos, por assim dizer emotivos—desses que, não tendo a idolatria da fôrma a ponto de sacrificarem um pensamento forte ás suas exigencias tyrannicas, conseguiram a rara faculdade artistica de exprimir com espontaneidade «numa fôrma precisa, uma ideia precisa».

A natureza sem arte vale pouco; a arte sem a natureza não pôde nada: uma—congenita, outra—filha do trabalho, são duas qualidades que perfeitamente se integram.

A fôrma é carinhosamente esmerilhada?—Mas é o cuidado da fôrma um dos elementos da dicção poetica. E' estudada ás vezes, sobretudo no seu segundo livro? Mas que tem o estudo se não prejudica a naturalidade nas expressões incontidas do sentimentalismo do poeta?—O estudo é a arte em funcção; e esta é imprescindivel no artista que quer fazer da poesia, como a desejava Fdgar Poe, «a creação rythmica do bello».

Em Mendes de Oliveira pleiteiam primazias o calculo da arte e a espontaneidade do pensamento, o que equivale a dizer que nelle se encontram, fundidos numa só personalidade literaria, o cantor e o artista.

Ou vibre entusiastica sua lyra nos sonetos medievales *Ronda Macabra* e *Sonho Regio*—nessas poesias sangrentas e bizarras, em que explodem os instinctos ancestraes de uma fidalguia cavalheiresca, ou se expanda, por desfastio, sua inspiração no genero lyrico, como nos primores de phantasia poetica *Gordas de Gabello* e *Lucia* e nas composições *A tua voz*, *O teu olhar*, *A tua mão*, desde o arrojado epico do canto na *Flor Vermelha*, até a calma descriptiva e pictural da *Lelia Purpurata* e da *Vanda Gerulea*, a elegancia escultural da fôrma, a opulencia polyphonica do rythmo, a distribuição onomathopaica dos vocabulos, a galhardia fidalga das imagens, a concisão emphatica do estylo, são predicados que ali se estadeiam e se dão ás mãos na mais perfeita harmonia.

A pintura é uma poesia muda e a poesia é uma pintura que fala: «Poesis est pictura loquens; et pictura est poesis tacens». Não fôra esta differença, que a classica poetica synthetizou neste contraste expressivo, e o estar mais affeita nossa



1 e 2 - Ruben e Valmez de Almeida Ramos; 3 - Abigail Duarte, filha do sr. Argemiro Pamplona Duarte; 4 - Dulce, Celia e Diva, filhinhas do sr. Paulo dos Santos, pharmaceutico em Mar de Hespanha

Casa Modelo



TANCREDO FERREIRA TINOCO - Fazendas, modas, armarinho, roupas brancas para homens, senhoras e crianças. Vendas a dinheiro Telephone n. 368. Rua da Bahia n. 1025. Bello Horizonte.





Photographia apanhada após a carinhosa e merecida manifestação de que foi alvo o dr. Carvalhaes de Paiva, director da Imprensa Official, por occasião do seu anniversario natalicio. O illustre administrador está rodeado dos seus auxiliares, entre os quaes se vêem os srs. coronel João Caetano Pereira da Silva, caixa-secretario; dr. Abilio Machado, redactor do "Minas Geraes"; coronel Antonio Augusto Pereira Serpa, chefe das officinas, e todos os chefes de s.cções da repartição

esthesia á admiração de quadros que não fazem, e não nos extranharia ver nas galerias de pintura as mimosas aquarellas da *Tarde de Abril* ou da *Magnolia*, ou os quadros a oleo da *Epopeia de Maio*.

A *Gabeça e a Pata* que pôde enfileirar ao lado de suas melhores composições, em que o eximio bardo modela singular conceito philosophico numa linguagem pulchra,—que elevação de idéias, que variedade de affectos, que propriedade de epithetos e que vigor de contraste, não lustram ali com admiravel fulgor, desde o natural exordio do dialogo até á graciosa conclusão, em que, silenciando a cabeça, proclama, como juiz, a pata vencedora!

E por ultimo (porque não considerar esta faceta de seu talento polymorpho?) Mendes de Oliveira sabe tambem rir e fazer rir no verso.

E' humorista, quando quer sel-o, focalizando em versos de agudeza epigrammatica e de boa veia satyrica o lado comico (que sempre existe para os que pensam) da vida humana, ou floreteando com o variado arsenal de trocadilhos, com que desaffectedamente nos desopila o figado, nas tertulias e na sessão pilherica de uma folha diaria.

E nas versões?

E' repassar *O Tedio*, primoroso carme de Henri Heine, que traslada para o vernaculo. Leiam-no os criticos mais austeros e digam-me se pôde haver para ali mais fidelidade no pensamento, maior encanto na expressão e mais belleza plastica na forma.

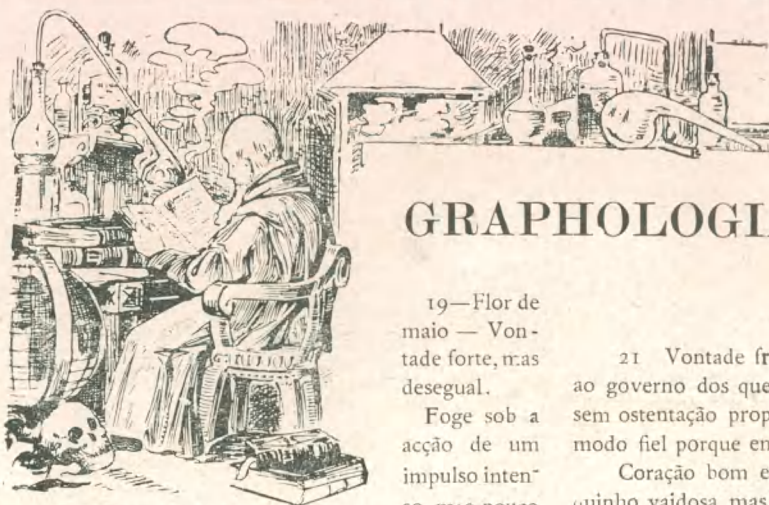
A traducção é perfeita, porque é de um poeta, e de um poeta a valer.

Mas basta.

O valor de Mendes de Oliveira não ha quem o desconheça: o numero de seus admiradores aférese pelos que o leram.

De resto, para destacar-lhe as qualidades luminosas, que esmaltam e definem a esthetica de seu Parnaso, não seria preciso tirar-lhe aos preciosos escriptos dos *Jogos Floraes* e dos *Prelios Pagãos* todos estes diamantes da mais pura agua, lapidados e na maior parte extremes de jaça, que o eleitorado immortal do Syllogeu, consagrando-lhe o valor egregio, reunirá por certo zelosamente ao nosso já opulento patrimonio literario, cuja guarda lhe é confiada.

Fernando de Azevedo



GRAPHOLOGIA

Senso artistico manifesto. — Sem coração a dominar-lhe os actos todos seria boa julgadora, tal a certeza dos golpes de vista. — Temperamento delicado, nervosa e muito accessivel ás excitações do meio, por delicadas que sejam. Leal.

19—Flor de maio — Vontade forte, mas desigual.

Foge sob a acção de um impulso intenso mas pouco

demorado, abandonando rapidamente a causa a que dedicara o melhor de seu esforço. Sob a influencia de um movimento impulsivo mostra-se combativa, discute, é quasi aggressiva. Felizmente não duram muito e nos intervalos sabe ser meiga e amavel fazendo esquecer a voluntariosa que exigira...

Coração excellente para os pobres, para os que soffrem .. physicamente.

Quasi mau para os adoradores que tenham a imprudencia de manifestar-se; gosta então de torturar, fria, inaccessible... O cerebro domina, em geral, sua personalidade, dirigindo-a nos passos graves da vida. Perfeito governo da prosa, das manifestações de emoções superficiaes. Possuidora de educação fina, sabe agradar esquecendo pequenas cousas que a tivessem molestado acaso. Aliás essa amabilidade tem muito de natural; artificial será, antes, a fineza...

Orgulhosa e não pouco, não porem muito vaidosa. Conhecedora do bello e cultivando a esthetica, sabe aproveitar simplicidade mesmo nas *toilettes* mais estudadas.

Alma de artista.

Intelligencia firme, perspicacia, intuição desenvolvida. Espirito de synthese. Submette-se, infelizmente um pouco demais, á influencia do meio.—Grande actividade physica e intellectual. Excellente saude.

20—Candida—Vontade fragil e desigual, incapaz do menor esforço apesar de um *nadinha* caprichosa... Coração bondoso e accessivel ás paixões leves e não duradouras: inconstante. Vaidade bastante e uma pontasinha de orgulho. Amor do *chic* e do confortavel. Amabilidade natural. Franqueza extrema, até a indiscreção.—Intelligencia cultivada equilibrio intellectual entre a deducção e a intuição.

21 Vontade fraca irregular, entrega-se facilmente ao governo dos que a cercam. Espirito disciplinado e sem ostentação propria. De psychologia difficil pelo modo fiel porque em si reflecte influencias alheias.

Coração bom e compassivo. Amavel. Um pouquinho vaidosa mas, de todo, sem orgulho. Temperamento delicado e calmo. Revê e, com facilidade, corrige actos anteriores que lhe valham reparos de outrem. Um pouquinho desconfiada. Character muito leal. Saude delicada.

22—Edmée Lesir—Vontade tenaz; hesita antes de tentar qualquer cousa; resolvida que seja, sabe continual-a até a obtenção.

Satisfaz-se porem, pouco com o que consegue, dando impressão de que quer sempre mais alguma cousa... Coração bondoso e banevolente, mas equilibrado, incapaz de grandes paixões.

Amabilidade natural, insinuante. Intelligente; espirito superficial, de synthese, satisfaz-se do que vê e pode comprehender ao primeiro exame, sempre perspicaz e extenso—Muita simplicidade, nenhum orgulho. Amor do conforto e da ordem. Precisa e exacta no manifestar-se. Actividade physica. Saude boa.

23—Maria—Vontade fraca e desigual. Coração apixionavel, mas voluvel. Franqueza de manifestações deseguaes, mysteriosa ás vezes, de outras até indiscreta.

Despreoccupação quasi completa das cousas e das impressões do meio: age por conta propria sem indagar de commentarios.—Intelligencia clara e boa, mas sem desenvolvimento systematisado, dada a excessiva desordem que domina todos os seus actos.

Espirito esfusante, prosa agradável, grande habilitade para o paradoxo. Absolutamente inhapta para o julgamento, variando continuamente de ponto de vista.

Temperamento sadio mas nervoso e irritado. Grande actividade intellectual e nenhuma physica.—Distracção rara.

EXALTAÇÃO

Por "Albertina" Bertha

O livro da senhora Albertina Bertha constituiu entre nós um verdadeiro caso litterario. A meu ver, este caso ainda não foi devidamente discutido nas suas origens e significação, por um methodo puramente analytico, que tentasse surprehender, sob os artificios da technica litteraria, os complexos psychicos e os processos de objectivação artistica, que constituem as galerias subterraneas de toda obra d'arte. Talvez em razão da pouca sympathia deste methodo ou porque ainda somos dominados por esta antiga superstição que consiste em considerar toda criação esthetica como uma synthese originaria e primitiva que surge, exabrupto, do cerebro ou do coração do artista, como Minerva da cabeça de Jupiter.

A critica, porém, é uma applicação litteraria de curiosidade: ella não se contenta da contemplação desinteressada do conjunto; procura sondar o subsólo da obra d'arte e surprehender as correntes confusas e indecisas de sentimentos e de idéas, que o artista se esforça por dirigir segundo o eixo do seu temperamento ou das suas aptidões estheticas.

O livro da senhora Albertina Bertha presta-se, á maravilha, á applicação desse processo analytico, em primeiro logar por ser um livro impulsivo e violento e, por conseguinte, ainda muito proximo dessas fontes instinctivas do caracter, e em segundo logar, e por isto mesmo, um livro característico, isto é, uma obra typica e representativa de um certo temperamento litterario, hoje dominante, e que se óde definir como um temperamento essencialmente suggestivo e egocentrico. O livro da senhora Albertina Bertha participa dessa corrente diffusa da litteratura contemporanea, caracterizada por um complexo mystico-sexual, por uma exaltação musical quasi delirante das faculdades verbaes: a palavra perde aos poucos a sua representação tradicional e honesta, passando a exprimir uma analogia inteiramente pessoal e momentanea, por um processo semantico arbitrario, que desfecha, finalmente, em um verdadeiro esoterismo linguistico.

O fetichismo dos vocabulos, a idolatria das palavras, a autonomia da expressão, um verdadeiro automatismo verbo-motor, lembrando (a analogia é exacta) o caso da glossolalia de certos nevrothas.

A linguagem cryptologica, convencional e arbitraria, que procura adaptar-se a certas nuances de sentimentos inteiramente fugitivas, a preocupação da phrase, a mania do vocabulo evocador, constituem os caracteres typicos dessa litteratura subjectiva e egocentrica. A preocupação do "eu" é a causa principal dessa *incommunicabilidade* verbal. Parece ao auctor que os seus sentimentos não inteiramente excéntricos e imprevisos, que elle é o unico a sentir essas analogias remotas e profundas, que um mundo novo de sensações levanta-se no seu horizonte como uma revelação ou como um sonho. Dahi a mania vocabular, a tortura das palavras, a insatisfação, a incontinência verbal, a synoni-

mia exaggerada, a loquacidade intemperante, a stereotypia das idéas reproduzindo-se sob expressões diversas, como si todas ellas fossem incompletas ou inadequadas. A linguagem que é, por excellencia, o instrumento de comunicação, torna-se um meio de isolamento e de incommunicabilidade: a sociabilidade desaparece quasi, por completo, nesta arte fruste e mesquinamente pessoal, sem perspectivas e sem horizontes, quasi toda feita de exclamações e de phrases interrompidas, de reticencias e de pontos de admiração. Não se escreve, exclama-se; e o que parece um meio de suggestão, um artificio artistico destinado a suggerir, a despertar, a predispôr não revela mais do que uma idéação interrompida, uma fuga mental, um desvanecimento e um trabalho psychico incompleto. Isto revela, certamente, uma depressão mental, uma falta de auto-educacão psychica, uma indisciplina dos processos mentaes de assimilação e de organização de imagens, e um automatismo quasi completo do systema verbo-motor.

Entramos, então, em pleno dominio da verbo-mania.

O livro da senhora Albertina Bertha suggere, com oportunidade, essas considerações. Os seus personagens, os mais interessantes, pelo menos, são terrivelmente loquazes e extenuantemente verbalistas.

Trata-se de uma senhorita que, nascida no alto mundo, teve os ocios occupados por leituras detemperadas e por phantasias saphicas, que acabaram por completar as tendencias orphicas do seu temperamento. Em litteratura, uma figura composita, sem estylo determinado, hesitando entre fórmias oppostas e roçando pelas mais extremas, com uma volubidade estonteadora; em philosophia, apenas umas palavras esfoladas por alto, sem connexão e sequencia, — nem um conceito por completo, uma vista de conjuncto, um desses indícios reveladores de absorção mental, ao menos, de leitura meditada; em moral, o que póde ser uma rapariga pedante, que ouviu da bocca de alguns cabotinos vulgaridades sonoras e desfigurações ridiculas de Nietzsche.

Sobre tudo isso uma grande presumpção, um exaggerado conceito de si, uma certa megalomania intellectual e uma pronunciada idyosincrasia esthetica. Com todos esses dons, teve a pobrezinha a infelicidade de ler os poemas de um certo Theophilo, a quem seus amigos tiveram a leviandade de emprestar as qualidades mais extranhas, mais seductoras e mais excéntricas: era um homem de musculos e um homem de espirito. Viajava todo o mundo, conhecia tudo e aborrecia-se de tudo, vivendo em Paris. Era, como vêm, um novo mytho solar.

Foi obra de ler, ouvir e ver e Ladice morria por Theophilo. Mas Theophilo foi obrigado pelo pae a casar-se com uma provinciana, a quem, sinceramente, elle devia achar ridicula a certas horas. Ladice sentiu, protestou não esquecel-o, e vai d'ahi os pacs a constrangem a desposar o dr. Assis. Theophilo partiu para a

Europa, onde se demorou alguns annos; parecia tudo conciliado e restabelecido nos seus logares, quando o poeta, um bello dia, surge ao fim de uma festa de caridade e dá, por acaso, com Ladice que vendia flores em uma barraquinha chinesa. O encontro foi surpreendente e emocionante. Dahí por fóra, o dr. Assis, que era o exemplo vivo da abstracção, o proprio dr. Assis entrou de notar mudanças em Ladice. Pudera não!

Ladice talvez não seja a histerica que dizem. Mader considera dois typos schematicos de mulher: o typo maternal ou uterino (*Gebarmuttertypus*), que se caracteriza pela predominancia do complexo materno, e o typo clitoridiano ou sexual (*Kitzlertypus*), em que predomina o complexo paterno e cuja finalidade psycho-sexual permanece estacionaria, como um symptoma de infantilismo. E' facil perceber os caracteres deste typo: violencia e perversões eroticas, virilidade de maneiras, indiferença pela familia, exhibicionismo, excitabilidade geral deante dos homens. Ladice pertence a este ultimo typo. Demais, é evidente nella uma pesada carga pathologica. Parece um desses delirante polymorphos, ainda muito proximos dos nevropathas e já manifestando alguns symptomas característicos de demencia precoce. Os seus typos associativos são vizinhos dos typos normaes, os seus processos mentaes são comparaveis aos processos normaes. Apenas as manifestações verbo-motoras são apparentemente incoherentes e desconexas: de facto, a meditação é activa, o complexo affectivo dominante senhora todo o campo da imaginação, transformando a representação do mundo pelo seu prisma sentimental. Esta transformação do mundo exterior é principalmente sexual. O poder absorvente ou assimilador do complexo faz com que a pessoa symbolise os seus desejos, as suas aspirações eroticas por diversas imagens apparentemente destituídas de significação sexual, mas no fundo intimamente associadas ao seu estado affectivo. Ladice é inteiramente dominada por este complexo sexual: tudo lhe parece transfigurado pelo seu desejo, a sexualização do mundo exterior é o seu processo symbolico preferido.

O proprio desejo de morrer tem nella uma significação puramente sexual, por essa ambivalencia commum aos processos do sonho e da nevrose. A idéa de conjugação sexual apparece-lhe associada a imagens tragicas, a attentados, a soffrimentos e mesmo á morte. O sonho em que ella viu Theophilo deitado e envolvido de labaredas, consumido por um fogo flammejante, é evidentemente característico. O complexo paterno não se deixa surprehender tão facilmente: mas attentando-se bem, vê-se a sua antipathia mal dissimulada pela mãe, as suas opposições, os seus choques de temperamento, um conjunto de signaes bem acacterísticos dessa constellação sexual infantil.

Ladice é, typicamente, um desses casos de, já não digo hystéria ou nevropathia, mas de nervosidade. Nesses especimens nervosos é muito commum uma grande delicadeza, um gosto exquisito e excentrico, notavel capacidade de enthusiasmo: mas a este exaltado senso esthetico allia-se muitas vezes uma certa falta de tacto e mesmo obtusidade moral. Delles, como em Ladice, o amor furioso surge improvisamente; despe-se de todos

os resguardos, apresentando-se com toda a violencia e subjugando a vontade por completo. A volubilidade de humor em Ladice, esta exquisita mobilidade mental e moral, que eram para os seus intimos indícios de superioridade, são representativos do seu temperamento moribundo.

Ella sonha, phantasia, transfigura, perde-se em uma série de distracções e de divagações mentaes; opina sobre certos problemas graves, discute, discorre e contradiz: mas sempre, mesmo quando assume ares de philosopha, faltam-lhe a seriedade e profundidade. Ella é sempre superficial e frivola, apesar da grande cultura que lhe empresta a auctora.

Só o estímulo sexual é capaz de elevar o tom da sua imaginação: em torno delle crystalliza-se toda uma symbolica passional, ás vezes verdadeiramente saphica, mas descambando logo para a stereotypia, com a repetição das mesmas imagens eroticas, que acabam, finalmente, por se systematizar numa verdadeira obsessão.

O estímulo sexual torna-se o centro de toda a vida psychica, e essa erudita, essa nietszcheneana, essa flor de todas as culturas exoticas, essa grega, como lhe aprazem de lisonjeal-a os intimos, perde todo o espirito deante das cousas graves e profundas; nem uma apreciação verdadeiramente synthetica das questões que mais a preoccupam, como a moral ou a arte.

A auctora attribue-lhe uma cultura exaustiva, uma capacidade polymorpha para todas estas altas preoccupações do espirito humano; põe-lhe na bocca phrases truncadas de Nietzsche, nomes evocadores de cousas profundas, como Heraclitho, mas tudo isto de um modo tão ambiguo, indeciso e desfigurado, que se tem a impressão de um simples catalogo. Ladice acredita em todas essas lisonjas e julga-se, de accordo com ellas, uma Venus de Milo, coroada de sol, e com a cabeça pesada de philosophias: protesta contra os preconceitos, proclama a sua liberdade, força as portas da aristocracia nietschiana e installa-se acima do bem e do mal, como a verdadeira encarnação de Zarathustra.

As suas applicações de Nietzsche são, porém, ridiculas: é este velho processo de deformação, pelo qual, os cabotinos, desvencilhando-se da parte embaraçosa e difficil do systema, aproveitam-se apenas da parte negativa e critica. Ser aristocrata para Ladice, no sentido de Nietzsche, era despir-se de certas regras tradicionaes, de certo respeito de si, de certa disciplina moral e lançar-se á conquista e ao goso, como um verdadeiro passaro mythologico, de azas abertas ao sol.

Além do bem e do mal, que era em Nietzsche um processo symbolico e uma maneira lyrica de exprimir a elevação da alma, a purificação do corpo e o vôo livre do espirito, transforma-se para Ladice em um novo Evangelho nihilista, recheiado de cousas satanicas e de conselhos eversivos. Como Nietzsche haveria de crisar-se e de extranhar-se á applicação do seu grande sonho! Eu poderia aqui discutir um pouco com Ladice sobre a sua interpretação heroi-comica do solitario de Engadina. Mas a uma alma tão fragil e tão irritavel a contradicção faz mal. Permitta-me, porém, a interessante senhora de Assis, que lhe faça algumas objecções á sua entrada na aristocracia nietschiana. Nietzsche era pensador e allemão e acima de tudo helleno. Já se vê

que a sua exigência principal era a disciplina: disciplina em baixo, nas classes populares, pelas formas moraes e religiosas do constrangimento; — uma disciplina imposta, a disciplina da fraqueza; disciplina em cima, na aristocracia, por uma rigorosa autoeducação, severa, escrupulosa e torte. E a disciplina da aristocracia mais severa do que a da plebe: deveres mais difíceis, obrigações raiando pelo heroísmo, uma certa moral impregnada de saes amargos e causticantes. O respeito da veinice e da tradição, a lealdade para consigo mesmos e para com os outros, a fidelidade, a amizade spartana, a serenidade da alma, a pureza em si e em torno de si o horror á mentira, á fraude, ao desrespeito de si mesmo, ao cabotinismo, á pedanteria, ao exaggero, á exaltação, a tudo o que conduz o homem á decadencia e ao desperdicio de si mesmo. Conservar as paixões sob guarda e vigilancia. Dominar-as, utilizal-as como forças de propulsão e de ascendencia; poupar-se, ser duro para consigo mesmo, não se permitir doçuras e voluptuosidades, não transigir com a molleza e com a preguiça, recolher as velas do devaneio e do afastamento de si, quando os ventos, pelo seu calor, denunciavam a proximidade das regiões habitadas pelo desejo, pela sedução e pela vegetação moral dos tropicos; contemptora da sensualidade e do amor. A aristocracia de Nietzsche, afinal, é, como elle mesmo o diz, um complexo formidável de virtudes: sparciata pela vontade e pela resistencia; atheniense pelo sentido do bello e romana pela perseverança e a illimitada vontade de poder.

Não basta, pois, como se afigura á senhora de Assis, para ser aristocrata neste bom sentido, proferir meia duzia de vulgaridades sobre os sentimentos moraes e os preconceitos religiosos.

Nietzsche não os negou, sinão para circumscrever-os: elle delimitou o seu dominio e elles são sagrados e inviolaveis na sua esphera; acima deste dominio, a moral dos dominadores, com cujos rigores Nietzsche nunca se mostra sufficientemente satisfeito, multiplicando as exigencias e indo mesmo até o jejum e a abstinencia.

A senhora de Assis, porém, comprehendeu ás avessas e si mal o comprehendeu, melhor o praticou. Mas praticou, como era de se esperar, inteiramente o inverso: entregando-se a deboches de sentimentos e a orgias saphicas, dissipando-se como um vidro de perfume, exaltando os seus desejos por todos os poros, narcotizando-se, exaltando-se e consumindo-se nos seus nervos, como uma nuvem de vapor. Revoltando-se contra todos os jugos (impaciencia, vaidade e auto-dictismo dos nevroticos), mas obedecendo afinal, com uma frieza d'alma no perjurio e com uma fixação doentia na deslealdade, que raiam pela neurasthenia moral.

Acaba, como se vê, mentindo, escondendo-se como uma creança medrosa, simulando e transigindo com a farça matrimonial, conciliando o marido com o amante, sem coragem de uma preferencia decisiva, mantendo a deslealdade como um dogma e a caricia como casuistica, incapaz de de se elevar acima do bem e do mal por um lance de todo o seu ser á verdade, á franqueza e á ruptura de todos os laços com a mentira.

Elle que, num arranco ibseniano, dissera ao marido que a abandonasse quando se aborrecesse della, por um impulso de altivez e de respeito de si mesma, torna-se

incapaz de seguir o seu proprio conselho e de, abandonando a sua obrigação, fazer do novo amor um dever e não uma sensualidade e um desvario.

Que ella fizesse tudo isto por instincto, comprehendese, mas que queira justificar-se com a allegoria do Além do bem e do mal é que é ridiculo e supremamente incrível.

Ladice era, pois, uma nervosa commum, pontuada de excentricidades e de falhas, com uma leitura unicamente litteraria e uma idiosyncrasia artistica vibrante. Ao par d'isto, uma alma embriagada de orgulho e encharcada de flacidez moral, com um sentido oleoso, viscoso e semi-obtuso da realidade.

Ladice, que cita Heraclitho, que ella conhecia certamente apenas através da lenda, devia considerar o pensamento deste homem, que foi certamente o mais genial e profundo descobridor de analogias: "O homem ebrio é conduzido por uma creança imbel e cambaleia porque sua alma é molhada; uma alma secca é mais sabio e melhor."

Ladice era, certamente, uma alma embriagada, conduzida por uma creança — o desejo.

A auctora lhe dá mesmo erudição, profundeza de evocações graves e sérias, maturidade de julgamento e não sei que extranha faculdade de abranger e resumir o conjunto das culturas mais oppostas. Numa erudita, numa classica, como se approve á auctora de appellido-a no seu livro, eu acho que a alma seria mais secca e mais rythmica.

A embriaguez de Ladice é o privilegio das almas instinctivas: ella tem a alma molhada, como diz o velho Heraclitho, e a alma secca, eurythmica e serena é todo o heraclithismo e todo o Nietzscheismo, porque é o hellenismo, a cultura profunda, o clacissimo, e ambos Heraclitho e Nietzsche, são antes de tudo hellenos e como hellenos educadores e disciplinadores, e, portanto, classicos.

O outro personagem de relevo no livro é o poeta Theophilo de Almeida. Precede-o uma fama de esplendor: vida social em Paris, poemas ineditos, dons rarissimos de espirito, uma cultura, por assim dizer, universal. Ao par d'isto, um physico de escultura grega, uma cabeça suggestiva, como talhada pela Idéa e pela Musa; nos olhos os reflexos da India e não sei que cansaço espirital denunciando o fastio de tanto ver e de tanto examinar.

Chegado ao Rio da sua ultima viagem á Europa, Theophilo, que vira Ladice apenas uma vez, encontrando-a inopinadamente, dá a impressão de que a procurava e chamava na sua carne ha muitos annos. O caso é inverosimil. D'ahi, começa a frequentar a casa de Ladice, que o recebe, na segunda visita, em seu "boudoir". A entrevista é enervante e morna: guerreiam-se com imagens, dizem versos, fazem artificios litterarios e despedem-se. Ladice sempre exaltada, o sr. Theophilo carrancudo, não com geito de amoroso, mas de conselheiro, frio nas suas observações, apontando remedios e perigos á sensibilidade exaggerada de Ladice. Esta de retorquir com metralhadoras de palavras, mostrando o desejo infinito de evaporar-se e de consumir-se na sua febre; o sr. Theophilo a persistir nos seus conselhos,

como um amigo mais velho ou como um parente dedicado. Nada que denuncie da parte de Theophilo a violência amorosa que lhe roncará dahi por deante em versos e em metaphoras, como uma verdadeira cornucopia de palavras. O sr. Theophilo é maduro, tem os seus 38 annos, uma pesada carga de responsabilidades litterarias e philosophicas. Pois bem, na sua conducta nem um indício desses dons. Conversando de litteratura não dá uma impressão viva, um resumo imprevisto, um mergulho, siquer, na substancia das cousas: fala d'alto, com emphase de palavras, deixando a impressão de quem leu por cima. Falava-se certa vez de Nietzsche: Theophilo, apumado nos seus 38 annos de lyrismo e de pensamento, procura resumir em algumas palavras o conteúdo da sua idéa. Ella devia ser vasta, porque não coube nas phrases: o miolo ficou de fóra. Homem fino, de salão, frequentando o alto mundo, Theophilo não conversa, — exclama, discursa, enfuna-se...

Nem um desses traços finos, desses raios de sol, envolvidos em mel, que denunciem ao menos no subsolo um espirito de gosto, um "causeur" abraçado a um pensador.

Ao lado de Ladice, cujo perfume só é um excitante do espirito, elle volta-se para a lua, para a paisagem, para o mar e declama uma descripção carregada, betuminosa, sem a propriedade verbal que um homem sisudo, de 38 annos, pensador e culto devia presar acima de tudo, como uma roupa branca, limpa e sobria vestindo um espirito luminoso.

Theophilo é uma decepção: elle, a quem tanto Ladice admirava, não faz mais que utilizar-se das suas imagens hallucinatorias, repetindo as suas preferencias, copiando o seu estylo, num decalque quasi linear e esculpulo. O mesmo fogo verbal, a mesma intemperança de Ladice, que lhe vão a ella com certa graça, abraçam Theophilo, dominam-n'o, o hypnotisam e subjugam. Vê-se, porém, que a auctora percebeu a impropriedade: a declamação de Theophilo parece constrangida, contrafeita, um pouco forçada, uma especie de obrigação, uma ladainha, enfim. Mas a auctora persiste, o que é o mal: Theophilo mesmo na intimidade continúa a ser o mesmo homem verboso, intemperante, artificial e oratório.

Afinal (mesmo o dr. Assis, a cordura, a mansidão e o bom senso em pessoa) os personagens da senhora Albertina Bertha não conversam: falam por sentenças, por estancias, por figuras, como meninos de gremio litterario. Todos se parecem: falam pelas mesmas imagens, manifestam o mesmo temperamento vertiginoso; até o chronista Armando fala em ode, com o mesmo arrebatamento, a mesma abundancia estonteadora de palavras. Tem-se a impressão de que todos elles são serres de reacção puramente verbal.

Ha capitulos do amor entre Ladice e Theophilo que parecem inteiramente innocentes,—não se percebe um acto, um gesto, um impeto qualquer: um fala, fala, fala, outro toma a endeixa e continúa no mesmo tom. Parece um dialogo entre dois poetas, sem vida physiologica, que se amassem no paiz da quarta dimensão.

Em Ladice, cujo temperamento extranho e emphatico a auctora perfumou de aromas exóticos e de predi-

lecções romanticas, ainda vai este tom lunar: é mais uma flor de artificio neste temperamento de raizes organicas frageis e vibrantes.

Mas o caracter de Theophilo, o seu todo masculino e a sua vitalidade de novillo, protestam contra o constrangimento rhetorico e verbal. Aliás, Theophilo dá-nos a impressão de um burguez viajado que a senhora Albertina Bertha vestiu de poeta. Nada nos denuncia a sua raça de espirito, a sua complexão d'alma: nem um gesto cavalheiresco, proba na sua instinctividade, uma dessas pausas da razão, que descubram o santo, o somnambulo, o heroe, o ser de generosidade e sacrificio, sob a superficie de calculo e de medida.

No seu exaggero dramatico, nas suas erupções vulcanicas, Ladice deixa ver uma alma, uma lagrima, um estremecimento de emoção; em certos transes mesmo. Ladice parece transigir e a senhora Albertina Bertha attinge a um grau elevado dessa arte ibseniana da hypnose, em que os subterraneos da alma abrem-se de subito, dando a emoção das cousas profundas e terríveis.

Deante disso, Theophilo com todo os seus poemas, com toda a sua cabeça á renascença, dilue-se e apaga-se como uma estrella longinqua.

O livro da senhora Albertina Bertha é certamente um livro sem equilibrio: falta-lhe um rythmo seguro, uma certa movimentação interna. E' um livro sem acção. Os personagens, como já disse, soffrem de uma hypertrophia verbo-motora. Isto se explica pela mania vocabular da auctora: a synonymia exaggerada sobrecarrega o livro, toma-lhe duas partes de liberdade e de agilidade litteraria.

A enervação devia ser mais sobria, mais vibratil, com uma tensão menos forçada. A tensão exaggerada torna o livro algum tanto enervante e exaustivo. A auctora, que é apreciadora de Nietzsche, devia recordar-se dos conselhos do mestre, quando aborda a questão do estylo:

"Ha duas especies de arte, a arte de grande tranquillidade e a do grande movimento. Depois, ha duas especies bastardas da arte. Ao lado e além da arte da grande tranquillidade, ha a arte "blasé" e ávida de repouso. Ao lado e além da arte do grande movimento ha a arte agitada. Estas duas artes desejam que se tome sua fraqueza pela força e que se as confunda com as duas especies verdadeiras. "Uma obra para produzir uma impressão de saude deve ser executada com tres quartas partes da força de seu auctor. Si o auctor deu a sua medida extrema, a obra agita o espectador e o espanta por sua tensão. Todas as boas cousas deixam ver um *laisser aller* e apparecem aos nossos olhos como vacas na pastagem."

A obra da senhora Albertina Bertha dá a impressão da tensão extrema, parece que a auctora deu toda a sua medida: d'ahi a violencia, a agitação, a trepidação de todo o livro. Isto se explica talvez pelas fontes da auctora: a sua fonte principal, como Araripe o indica no prefacio, é evidentemente d'Annunziana, e da obra de d'Annunzio "O Fogo", com o qual "Exaltação" tem mais affinidades, é certamente o seu livro mais instinctivo, mais desharmonico e desequilibrado. "Exaltação" re-

produz, exaltando-os, os defeitos mais salientes do escriptor italiano.

As outras fontes da auctora são nitidamente dionisiacas: Nietzsche, nos seus poemas, principalmente o Zarathustra, — a auctora, embora possua certas particularidades dessa maneira, não consegue porém esse tom desembaraçado, rythmico, quasi dançante, levedade, por assim dizer, que é um dos encantos e das seducções da Cirne nietzscheana. Falta-lhe, evidentemente, á admiradora, a disciplina hellenistica do mestre, o metro homérico e esse conhecimento, que se adquire pelo estudo e pela intuição, desses processos informulaveis de eurythmia, em que os gregos, sobre todos os homens, embalavam o espirito, como em uma rede de sol.

Os processos litterarios da senhora Albertina Bertha são, portanto, mais dannunzianos do que classicos.

O colorido descriptivo impressionante, o mesmo abuso veneziano das tintas, a mesma tecla mystico-sexual de que D'Annunzio tem arrancado os seus sons mais agudos e a sua musica mais inebriante.

O livro "Exaltação" padece do exaggero desses processos, que D'Annunzio, por um longo apprendizado, conseguiu afeiçoar, assimilar e absorver, constituindo um genero litterario, por assim dizer, á parte.

A senhora Albertina Bertha quiz seguir o mesmo rumo: mas sacrificou o livro por alguns effeitos realmente artisticos, que conseguiu realizar em muitas paginas, que, salvante a adjectivação insobria, são das mais bellas, das mais coloridas e das mais imprevisas que se possam ler.

A auctora tem uma esthesia muito pronunciada e muito rica; á par disto um vocabulario exuberante; ora um escriptor não é mais do que um temperamento, uma sensibilidade fina e vibratil servida por um mechanismo preformado de reacções verbaes. Mas nem toda palavra se adapta a esta função: é preciso escolher, joeirar, experimentar o quilate e o peso. Isto justamente é que falta á auctora: um sentido verbal mais delicado, uma certa propriedade vocabular e sobretudo sobriedade e equilibrio na distribuição dos qualificativos.

Muitas vezes no seu livro, uma analogia bem surprehendida (e não são raras na senhora Albertina Bertha) desfigura-se completamente pelas palavras, que se succedem em gradação monotona, repisando a idéa, escurecendo a sua perspectiva e restringindo o espaço em torno della, embaçando-a como uma estrella ennuclada de vapores.

Muitas vezes os adjectivos são completamente improprios e descabidos, ou por se repetirem ou por transfigurarem a idéa.

Eu notei, por exemplo, que a senhora Albertina Bertha não se serve da palavra determinismo sem obscurecê-la por um adjectivo: "determinismo sublime", "determinismo implacavel" etc. Da mesma maneira com a sensação, que a auctora qualifica sempre de cerebral, como si toda sensação não fosse a modificação de um estado de consciencia e portanto de um estado cerebral.

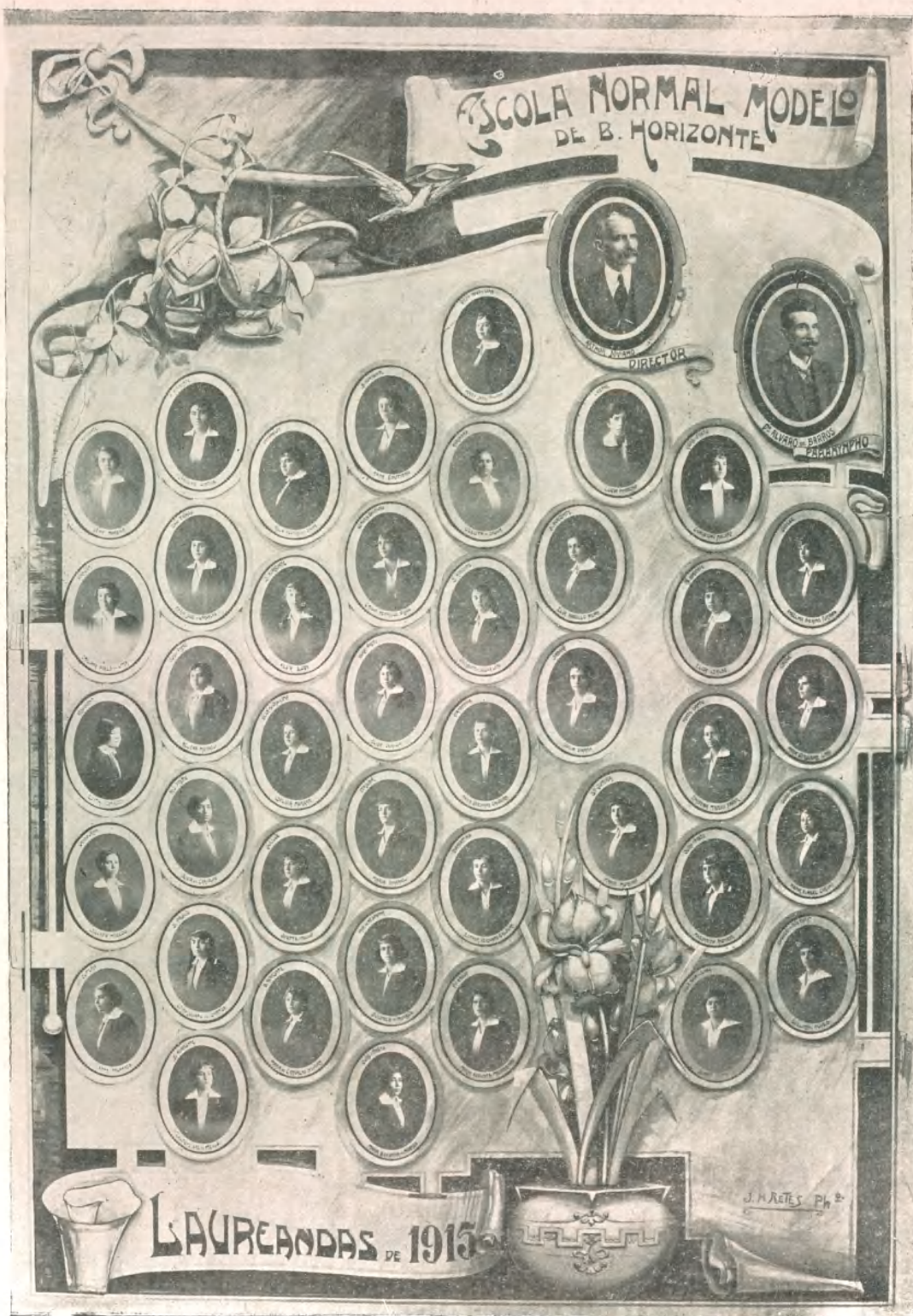
São impropriedades grosseiras que devem ser apontadas, menos como recriminação, do que como advertencia.

O livro, como conjuncto, dá a impressão de que não tem espinha. É um livro deseixado. Falta-lhe esta qualidade que se chama de equilibrio ou de proporcionalidade: um certo peso, uma certa densidade, uma certa determinação das partes em relação ao todo. Além disso, os personagens agem geralmente em contradicção do caracter ou do temperamento que lhes dá a auctora. Ladice, tirando-lhe as pedanterias, as pretensões culturais, uma certa falta de naturalidade e de familiaridade, que todo o ser humano, mesmo o mais artificial possui, é o typo mais bem desenhado do livro. Theophilo é irritante de inverosimilhança, o dr. Assis, a quem a auctora dá intelligencia e bom senso, parece inteiramente amorfo e desossado; e os outros são uns pedantezinhos bem postos, como aquelle Armando, que dá impressão de um idiota, soffrendo de obtusidade chronica e coçando de pruridos litterarios, ou então esse João da Almada, que a auctora diz ser sceptico e desencantado, como um novo Salomão, não parece mais do que um morphinomaniaco sem espirito.

Todos esses personagens jazem pelo livro a esmo, sem articulações reciprocas, a não ser as que existem entre Theophilo e Ladice, mas estas quasi puramente verbaes. Nem uma vista de conjuncto de toda essa sociedade, um palco em que todos representassem o drama de sua belleza, de sua fealdade ou de seu ridiculo. A impressão de conjuncto é verdadeiramente o fraco da auctora.

O livro tem paginas profundamente bellas, mas são paginas isoladas. Em si mesmo elle não tem unidade nem eixo de rotação. É, em bloco, um livro problematico.

FRANCISCO CAMPOS.



O quadro das normalistas de 1915.—Por J. M. Retes



A FESTA DOS CALOUROS — A orchestra academica que tocou, com grande successo, no Theatro Municipal.



A FESTA DOS CALOUROS — Instantaneo colhido pelo nosso photographo, durante a ceia offerecida aos calouros pelos academicos da Capital.

The page is framed by a decorative border in an Art Deco style. It features a double-line rectangular border with rounded corners. Inside this, there are vertical and horizontal lines that intersect at the center, creating a frame for the text. The intersections and the midpoints of these lines are decorated with stylized, symmetrical motifs that resemble leaves or feathers. At the center of the page, there is a rectangular box with rounded corners containing the text.

A UM POETA

Longe do esteril turbilhão da rua,
Benedictino, escreve ! No aconchego
Do claustro, na paciência e no socego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua !

Mas que na fôrma se disfarce o emprego
Do esforço ; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica, mas sobria, como um templo grego.

Não se mostre na fabrica o supplicio
Do mestre. E, natural, o effeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edificio :

Porque a Belleza, gemea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artificio, *
E' a força e a graça na simplicidade.

Olavo Bilac



A 'FESTA DOS CALOUROS' — Um aspecto da plateia, durante o espectáculo academico.



Os actores-academicos que desempenharam, com grande felicidade, a comedia «Suicidio de Juventino», no Theatro Municipal.



Clelia e Caio Mario, filhinhos do illustado professor Leopoldo Pereira

SÓ...

A proposito daquelle excellente album de Durer publicado pela casa Hachette e exposto á venda na Livraria Alves, vieram-me, em tropel de embaralhamento, diversas considerações sobre a arte actual. Como nessas considerações nada houvesse de aproveitavel e fosse a arte de Durer vivida tumultuosamente e irregularmente, n'outro tempo, ainda mais prejudicada pelo afastamento diario da emoção e da technica surprehendente que a conceberam, sahi, contemporanizando-me á procura do sol que incendiava as claraboias e coloria vigorosamente de exquisitas tonalidades, a folhagem chlorofilada dos eucalyptos da avenida. A porta da «A Oriente», detive-me, suspenso pela curiosidade. Eu sou apaixonado das marinhas, dos velhos e rebatidos aspectos do mar. O mar accôrda em mim, desmaiando-se num fundo, em «nuance», vago de tela uma emoção antiga, esquecida no fundo da memoria. Puvis de Chavannes tinha razão... E havia ali tambem fins de tardes, paysagens dubias e dolorosas, panoramas calmos e crepusculos de sangue, accesos em oiro...

—Está ahi. Embasaca-te perante uma copia de postaes, com paysagens europeas... Caborinos... Decididamente, a arte, em nosso tempo, está desmoralizada. Pois a arte, hoje, é isto positivamente:—uma copia de postaes...

Descemos. O crepusculo vinha. Um crepusculo de luz maravilhosa, tecido em gaze, todo em oiro ardendo, a incensar da terra a lua que subia, glorificada num polvilhamento de estrellas...

A.

...**PORQUE**, em verdade, com estes dias breves e essas longuissimas noites friorentas, a alma, muito mais que o corpo, se enregela, se enerva, desanima, num grande desejo de apoio que a virilise...

Foi por isso que o Principe dos Poetas tropicaes, ainda agora victoriado calorosamente pela Patria Portuguesa, escreveu que

por estas noites frias e brumosas
é que melhor se póde amar, querida...

Mas vós, burguezes satisfeitos e enriquecidos, vós que cuidaes sómente do corpo enxundioso, não podeis calcular a dôr do frio d'alma, sentido irremediavelmente pela trêva a dentro, olhos abertos e ex-

tacticos, fixados na silhueta longinqua de alguém que se foi.—

...E ainda agora, (a noite vae alta, o silencio domina, vencendo a monotonia do tic-tac indifferente do relógio da sala), a minha alma sente frio, um frio bom que depura, que consola e faz brotar, inexplicavelmente, fugidias lagrimas nos meus olhos insomnes.

Meus olhos insomnes... Quando accordarei desse tórpor sem fim, dessa hybernação mansa e triste que me domina e que ninguém vê?

Quando? Quando voltar a primavera na alegria festiva dos teus olhos, na expansão do teu sorriso, e, principalmente, no calor da tua alma de santa...



VAE ser de certo uma linda festa a que se realiza no dia 21 deste mez no Theatro Municipal. E' um festival artistico, promovido pelo Grupo Rio Branco em beneficio da respectiva Caixa Escolar.

Um programma artisticamente escolhido, de couzas ligeiras, tomando parte nas representações bellissimas creanças intelligentes e bem ensaiadas.



O capitão Pedro de Araujo Abreu, official da Guarda Nacional, residente em Inconfidencia, norte de Minas

Abrem-se no dia 25 do corrente as
inscrições do CLUB DIAMANTI-
NO, auctorisado e fiscalisado pelo
Governo Federal de accordo com o
decreto 11.492 de 17 de fevereiro
*** de 1915 ***
Tem em deposito, para garantia de suas
operações, a importancia de 50:000\$000

Vendas a prestações e a dinheiro, com direito a
sorteios, dos seguintes objectos: joias, relógios,
pedras preciosas, objectos de arte para presentes,
pratarias, metaes, estatuas e estatuetas, joias do
XXXXX Consorcio e outras mercadorias XXXXX

E' o que mais vantagens e garantias offerece
Não tem objectos determinados; é tudo a escolha
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX dos socios XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

E' o club unico organizado com séde no Estado de Minas

E' o mesmo conceituado e conhecido Club Dia-
mantino que revive devido aos constantes pedidos
XXXXXXXXXX de seus antigos socios XXXXXXXXXXXX

Séde -- Joalheria Diamantina, de
José Luiz Dias Duarte, successor
□■□ de Francelino Horta □■□

■□■ * Rua da Bahia, 1045 * ■□■

Bello Horizonte *** Telephone 327

Inscrevei-vos no Club Diamantino

O POETA CARTUXO

Ruben Dario sempre ha de merecer uma palavra de sympathia dos que amam a verdadeira arte. Seus versos divinos encantam os corações e encadeiam os sentimentos dos leitores. Os seus livros são sempre relidos com prazer: não é um poeta de primeira impressão, desses cuja obra não convém que seja muito examinada, para que não se dissipe o perfume passageiro, e não descubramos o manequim



Ruben Dario com o habito de Cartuxo durante sua estada na Cartuxa de Valldemosa, Mallorca.

sobre o qual as sedas e brochados tinham fingido um corpo de rei.

Ruben Dario é inexgotável. Cada vez que evocaes imaginativamente os seus sentidos e illumina dos poemas, encontraes nelles novos fulgores e novas sendas para a emoção.

Esse poeta do bello nome e da feia catadura foi, para o mundo como para a literatura, aguçado de todas as curiosidades e sedento de todas as sensações.

Jamais espectador indifferente ás dores ou ás alegrias, Ruben Dario offerencia o seu coração desnudo como o corpo de uma cortezá que sentisse todos os pudores nupcias da virgem á cada novo amante.

Pôde, assim, levar uma vida accidentada desde rhapsodo das fañhas contemporaneas da industria e das sciencias até Cartuxo.

Como Verlaine, que, depois de seus «poemas

saturnianos» e de suas «festas galantes», escreveu a «boa canção», Ruben Dario, em seus ultimos annos, estava preocupado com o além. Feriu-o o mysterio de frente como um vôo de ave agoureira. Dentro da carne onde, se caldearam todos os fogos do peccado mortal, a alma se retorcia, ante os terriveis presentimentos do transito inevitavel.

E ninguem como elle exprimiu esse desejo de annullação terrena, de holocausto da propria vida, humildemente, anonimamente :

Ah! fuera yo de esos que Dios queria
y que Dios quiere cuando así le place;
dichosos ante el temeroso día
de losa fria y ¡*Requiescat in pace!*
Poder matar el orgullo perverso
y el palpar de la carne maligna,
todo por Dios, delante el Universo,
con corazón que sufre y se resigna,

Sentir la unción de la divina mano,
ver florecer de eterna luz mi anhelo;
y oír como un Pitágoras cristiano
la música teológica del cielo.
Y al fauno que hay en mí, darle la ciencia
que al ángel hace estremecer las alas;
por la emoción y por la penitencia
poner en fuga á las diables malas.

¡Y quedar libre de maldad y de engaño,
y sentir una mano que me empuja
á la cueva que acoge al ermitano
ó al silencio y la paz de la Cartuja!

Quando o poeta escreveu essas estrophes de seu poema *A Cartuxa*, vestia o branco habito dos desligados da vida e via amanhecer talvez da mesma cella de onde Jorge Sand accelerava a morte de Chopin.

Foi durante tres mezes que o divino Ruben passou na Cartuxa de Valldemosa, e escreveu a epistola a Madame Lugones, o romance a Remigio Gourmont, e a novella autobiographica, que não chegou a terminar *Oro de Mallorca*.

Mas foi sobretudo quando chorou um dia inteiro porque imaginou ter perdido um Christo de marfim com que o presenteára Leão XIII e que elle beijava com a uncção mystica de um São Francisco de Assis; foi quando, enfermo e vidente, pediu a confissão e lavou, ante um sacerdote, sua alma perfumada de paganismo; foi quando, afinal, em uma viagem a Palma, fez deter a carruagem e desceu no caminho, para, de joelhos, rezar um Padre Nosso....

A GRANDE GUERRA



1 — A trincheira do cossaco, 2 — As trincheiras após um combate, 3 — Artilharia inglesa em função



A VERTIGEM

No decorrer daquela longa enfermidade foi que avalei o character de Annibal. Si do doente fiz um amigo, da sua alma fiz um corpo ao qual amava apegar-me, como um parasita, sugando o seu contacto precioso. Na resignação ao sofrimento, na esperança da cura e no culto ás virtudes—que em tempos de saude praticava como um exercicio normal, Annibal encarnava um rico e raro exemplar de ethica humana. Conhecem-se, na floresta, lianas fortes e ousadas; marinhos o tronco de grandes arvores, tomam-lhes todos os ramos e ramusculos, sorvem-lhes o alento e as matam; mas as arvores parece que se deixam morrer satisfeitas, enastradas de flores do cipó. Junto de Annibal, tinha-se o desejo de ser liana, embora de sociedade, e inócua e sem flores, comtanto que aquella planta nobre consentisse em ceder um pouco do seu aroma natural.

Era Annibal casado e pae de uma filha de tres annos de idade. quando se sentiu com molestia, teve que abandonar o escriptorio e á casa recolheu-se, tomado de dores.... No dia immediato, não mais podia andar. Cinco annos passou assim, entrevado, paralytico, o corpo chagado pelo constante decubito.

Não vale descrever o que foram esses cinco annos e ainda um outro mais: de convalescença suspeita e delicada. O doente não tinha meios de fortuna e o tratamento dava para exgottar thesouros. Nos primeiros tempos, houve o recurso das licenças e dos prolongamentos das licenças, que foram liberalmente concedidas, porque o chefe do escriptorio conhecia o valor do empregado e condoia-se da sua infelicidade. Mas tudo tem um limite. Ao cabo de dois annos, as licenças prorogaram-se sem vencimentos, e um dia, para pagamento da pharmacía, Annibal houve que desfazer-se de uma joia da esposa. Foi o dia em que mais soffreu na sua vida (contou-me). Reunida a trindade da familia, na manhã do sacrificio, Annibal dirigiu a acção:

—Luiza: escreve uma carta a tua mãe, pedindo que se encarregue desse negocio. Mas não te encomodes: é para minha cura: Porque eu fico bom! E' questão de tempo. Não ha medico que o não diga, e eu sinto que elles falam a verdade, Sou ainda, moço, graças a Deus: terei tempo de pagar-te todas as

dedicações, restituir todas as tuas joias, dar-te e á nossa filha a ventura que só a doença nos podia roubar.

E a primeira joia se foi. Ensinou o caminho ás companheiras. Outros objectos de valor foram, pouco a pouco, desaparecendo tambem. Só o implavel mal tardava em aprestar-se e partir. Entretanto, Annibal, sempre que era interrogado sobre como se achava, respondia estoicamente:

—Já estive peor.

Imaginem o sofrimento do desgraçado! «Já esteve peor». Pois á todos se lhes devia afigurar que um só mez de tal padecimento, nas dolorosas condições em que o doente se encontrava, justificava o suicidio. Era tremendamente horrivel. Uma vez em que eu, á sua cabeceira, assim pensava, Annibal leu-me o olhar e explicou:

—Não me suicidei porque tenho familia. Esta mulher, doutor, merecia que eu revivesse para recompensal-a do esforço com que contribue para salvar-me. Desde que cahi, jamais sahi á rua. Não sei quantas noites já pôde dormir, durante estes cinco annos! Pelo menos, sempre que accôrdo, alta noite, surprehendo-a em vigilia, debruçada sobre mim, a tomar-me o pulso, a escutar-me, a ver si estou respirando bem.... E' ella quem me prepara a diéta, quem se encarrega das horas do remedio, quem me toma a temperatura do corpo, quem prepara o banho, de accordo com as indicações do termometro. Ella tem soffrido, por certo, tanto como eu. Suicidar-me seria uma covardia injustificavel. Eu não posso morrer! Morto, deixal-a-ia pobre e envelhecida precocemente pela minha doença; seria melhor, então, matal-a tambem.... Não! Eu hei de viver para restituir-lhe a mocidade, a belleza e o conforto dos bons annos que passaram... Não é, Luiza?

Era de fazer subir agua aos olhos. A mulher de de Annibal, num lindo olhar, respondeu beijando com simplicidade e meiguice a filhinha commum. Tive uma infinita inveja daquelle grande desgraçado. Não podia haver ninguem mais feliz.

Annibal restabeleceu-se. Faz cerca de dois annos que ficou inteiramente bom. Tornou ao escri-

ptorio, reassumi o trabalho, subiu de posto e ordenado. E a sorte, finalmente! favoreceu-o como merecia. Ganhou muito dinheiro, pagou as dividas, veio morar num bairro aristocratico, fez uma viagem de recreio a Paris. A filhinha está crescida, quasi moça; vi-a, não ha muito, na Avenida, em companhia da mãe. Não as conheci! Luiza está outra; remou e refloriu com a mudança de vida do marido e a recente viagem á Europa: fazia gosto apreciar-lhe a elegancia, a linha fidalga e até de certo modo coquette. (Coquette é o termo, porque aquillo era evidentemente francez). Quem veria, naquella formosa mulher a antiga enfermeira do Annibal entrevado? Realmente, consolava o novo aspecto de progresso e felicidade; quanto devia folgar com isso a alma boa e amavel de Annibal! Póde-se mesmo calcular o seu jubilo, em Paris, ao ver a sua adorada Luiza—a pobresita de solteira e martyr daquelles seis annos de doença,—deslumbrar-se diante das maravilhas do luxo, que todas as mulheres cubiçam, e emfim gozando a vida estonteadora dos que podem, numa empolgante vertigem.... Nunca Luiza imaginára haver um mundo assim!

Uma destas manhãs, recebo uma carta de Annibal. Estava doente, pedia-me ir visitá-lo.

Encontrei-o só, num leito, ardendo em febre.

Estranhei não ver a filha; disse-me que andava no collegis. Perguntei pela senhora, informou-me haver sahido, a fazer compras. Falei, então, para dizer-lhe alguma coisa agradável:

—E' verdade; vi d. Luiza. ha dias, na Avenida. Dou-te os meus parabens! Creio que tem recobrado bem o que a tua doença a tinha feito perder, não é?

Annibal sorriu; mas era um sorriso livido, a parentemente maldoso, psychologicamente tragico...

Não sei quantos segundos durou o esgarçamento forçado daquelles labios febris; a mim pareceu-me que seculos. O transe teve o dom de fazer-me inteiramente alheado de tudo, até o instante preciso em que ouvi, como num echo longinquo, esta reticencia incisiva:

—E'. Ella está recobrando o que perdeu....

O mesmo sorriso livido fechou a resposta a cadeado; mas já não mais exhibia apparencia alguma de maldoso.... E passára a ser imponente, dorida-mente heroico, na dignidade com que se mantinha, quando Annibal foi obrigado a gemer, numa fraqueza humana.

—Ah! doutor... Naquella occasião, eu não podia, mas agora eu devo morrer....

Floriano de Lemos



Os nossos sorteios

A *Vida de Minas* continúa ainda hoje a publicação de *coupons* para o primeiro sorteio da serie de premios que vae distribuir entre os seus leitores.

Para a aquisição desses valiosos mimos, que são descriptos em outro lugar, corte-se o coupon abaixo.



Seis desses coupons dão direito a um cartão numerado para o sorteio.

O primeiro sorteio de premios será definitivamente no proximo dia 15 de junho. Todos os leitores poderão ainda concorrer a esse primeiro sorteio, pois, na proxima edição, publicamos, em vez de um só, cinco coupons, que, com o de hoje, completam o numero necessario a aquisição de um cartão numerado.

*
* *

As assignaturas que se iniciarem com este numero darão direito a QUATRO cartões numerados para o sorteio, se forem annuaes, e a DOIS cartões, se forem semestraes, podendo ainda os srs. assignantes permutar por cartões os *coupons* das revistas que receberem até ás vespervas do sorteio.

Basta que nos sejam enviados os recibos firmados pelos nossos agentes, ou as importancias relativas ás assignaturas, para que remetamos, pelo correio, — com os recibos devolvidos ou emitidos por nós, — os cartões numerados a que elles derem direito.

Este *coupon* de concurso será publicado em seis numeros da revista.

Logo após o 1º sorteio de premios, iniciaremos outro concurso.

OS PREMIOS

São os seguintes os premios a que dará direito o nosso concurso :

1º Premio (Exposto na Joalheria Diamantina): *Um rico Pendentif, com bellas aguas marinhas e brilhantes engastados pelo systema do consorcio precioso, de invenção do sr. Francelino Horta.*

2º Premio (Exposição na Casa Omega): *Um relógio de ouro de lei cravejado de brilhantes, para senhora.*

3º Premio (Exposição na Casa Natal): *Um estojo de setim com finissimas perfumarias.*

4º Premio (Exposição na Casa Villas Boas): *Uma bella jardineira de prata, á escolha do leitor premiado.*

5º Premio: *Duas caixas de optimos charutos, da Charutaria Fernandes.*

6º Premio: *50\$000 em dinheiro.*

*
* *

Os premios serão sorteados publicamente, em dia previamente determinado, pela Loteria do Estado de Minas.

Serão fatalmente sorteados os 6 premios, visto como as bolas lotericas correm unicamente dentro do numero de cartões distribuidos aos nossos assignantes.

Afim de que sejam distribuidos a 6 assignantes distinctos os premios constantes do nosso concurso, temos resolvido proceder immediatamente a novo sorteio, caso um mesmo numero seja sorteado mais de uma vez, cabendo a este, apenas, o premio correspondente á primeira vez em que foi sorteado.

Devido á crise. — Deveis usar STROBINA liquido para limpar chapéus de palha. UNICO NO GÊNERO. Aceitam-se agentes idoneos para o artigo. **A. CAMPOS**
— Rua de S. Bento, 39 A — S. PAULO. — Peçam amostras na redacção.

Resumo das regras de collocação de pronomes

(A's professoras primarias do Estado)

Como preambulo, devo notar que, relidos sobre o assumpto, uns tres ou quatro grammaticos dos mais fortes (Pacheco Junior, Lameira de Andrade, Julio Ribeiro, Candido de Figueiredo e Candido Lage) apenas compilei delles estas regrinhas, simplificando-as, para uso das distinctas professoras do Estado.

Fiz isso com cuidado e prazer por me haver sido dirigido mais de um pedido para uma lição sobre collocação de pronomes.

Collocação dos pronomes pessoaes «sujeitos»

Regra geral: Colloca-se o pronome pessoal sujeito *antes* do verbo; ex.: nós queremos; elles teriam vindo.

Excepções:

1ª) Colloca-se *depois*, por emphase, para maior intimação no dizer; ex.: Estavamos *nós* no Rio; tinha *elle* chegado. A mesma collocação (depois) quando o sujeito é representado por substantivo; ex.: Brilhava a *lua* em céu sem nuvens; vinha d'sfilando o *exercito*.

2ª) Nas phrases interrogativas; ex.: Queres *tu* vir almoçar em nossa casa?

Entre nós (Brasil) usa-se também, *vulgarmente*, o pronome sujeito *antes*; ex.: *Tu* queres vir almoçar em nossa casa? Um vicio!

3ª) Com os verbos no imperativo; ex.: Dize *tu*.

4ª) Nas sentenças negativas, proprias do subjunctivo; ex: Não digas *tu*.

5ª) Nos verbos do subjunctivo, quando está occulta a conjuncção; ex: Oxalá tenha *elle* vida!

6ª) Com os verbos no participio e no infinito; ex: Morto Pedro *ninguem* mais reinou; fálare *tu* isso é indigno.

7ª) Com os verbos no infinito perfeito (pronome ou substantivo) vai, em geral, entre o auxiliar e o participio auristo (passado); ex: Ter *eu* faltado a palavra; terem os *brasileiros* vencido os paraguayos.

Collocação dos pronomes pessoaes «objectos»

Regras geraes: Os pronomes pessoaes obliquos, (*me, te, se, nos, vos, e, a, os, as; lhe lhes*):

1) São sempre *átomos*, isto é, quasi não sôam, ou são syllabas breves; ex: Pedro deu-*me* um livro.

Ha uma divergencia, ou antes, apenas um grammatico encontrei, que diverge no considerar os vocabulos *átomos* e *oxytonos*, o qual pretende que sejam *átomos* os monosyllabos *mó, pó, fá* etc., por não te-

rem senão um phonoma (somente um som glotico); dando como *oxytonos* os vocabulos *são, mar, deu, sem, sei* etc., por terem mais de um phonoma. Acho que isso não passa de uma nuga inutil e que devemos seguir todos os demais philologos, que dão *nó, fé, lá, pé*, etc., como palavras *oxytonas*. A razão é esta, simples e obvia: átono quer dizer *não tem, não som*, ou de som brando ou mudo, e os monosyllabos citados têm *tom forte*. Logo são *oxytonos* como os segundos referidos.

2) collocam-se sempre *depois* do verbo, e por isso são chamados *enchiticos*; ex: João deu-*lhe* de presente uma carteira.

3) Nunca começam periodo. E' erro dizer: *Me* auxiliou quanto poudé. Ha uma excepção classica nas phrases interjectivas: *T'arreneg!* *T'esconjuro!* e outras semelhantes.

Excepções:

Esses pronomes collocam-se *antes* do verbo, nos casos seguintes, sendo por isso chamados *procliticos*.

Tempos simples:

1ª) Nas orações negativas; ex: isso não *me* agrada etc.

2ª) Nas orações de *relativo*; ex: O homem *que* se porta bem etc.; nas de *interrogativo*; ex: *Que me* dizes do negocio?; nas em que antes do verbo vierum *distributivo*; ex: *Cada* individuo *lhe* dava uma esmola.

3ª) Quando vem antes do verbo do modo finito um *quantitativo*; ex: *Todo o mundo* sabe; *muito me* rende esse negocio etc.

4ª) Vindo antes do verbo uma conjuncção *explicativa*; ex: *conforme lhe* contáram; ou uma conjuncção *comparativa*; ex: fiz melhor *do que se* esperava; ou uma conjuncção *subordinativa*; ex: se *me* derem pão. A conjuncção *subordinativa* pôde ser *condicional*; ex: *Se me* falarem, irei; ou *causal*; ex: Não fui *porque me* avisaram a tempo. Quando a conjuncção *pois* é *causal* attrahe o pronome obliquo; ex: E's meu amigo, *pois me* tens dado provas disso; quando a conjuncção *pois* é *conclusiva*, não attrahe, isto é, o pronome obliquo vai para depois do verbo; ex: Estudás, *pois far-te-ão* justiça. A conjuncção *subordinativa* pôde ser também *concessiva*, e neste caso attrahe o pronome; ex: *Comquanto me* seja agradável, etc.; pôde ser também *temporal*; ex: *Quando me* disseram; pôde ser também *integrante*; ex: Desejo *que ella* se restabeleça; pôde também ser *integrante dubitativa*; ex: *Não sei se lhe* entregaram o recibo e me trouxeram as cadeiras.

5ª) Quando na oração existe antes do verbo do modo finito um *adjuncto adverbial* (adverbio, ou locução adverbial) o pronome se colloca *antes* ou *depois* do verbo. Colloca-se antes, quando depois do adjuncto adverbial não ha nenhuma pausa; ex: Logo *se* aprende; depois o terás etc.; colloca-se *depois*, quando depois do adjuncto adverbial ha uma pausa natural; ex: Hoje *procede-se* assim, amanhã *faz-se* doutro modo etc.

6ª) Nas orações *engravadas*, ou que se intercalam em qualquer fala, costuma-se, em geral, fazer a inversão dos termos, collocando o pronome (objecto

indirecto) antes do verbo, e, depois deste, o sujeito; ex: Meu pae, *me* disse elle, viajou hontem. Esta regra é controvertida, isto é, ha quem sustente, e com razão, que o pronome (objecto indirecto) deve, ou pôde, vir *depois* do verbo; ex: Meu pae, disse-*me* elle, viajou hontem. Este exemplo sôa bem, e o ouvido educado por boa leitura é tambem um meio de se conhecer a melhor collocação dos pronomes objectos.

7ª) Tambem se colloca o pronome (objecto indirecto) antes do verbo, quando o *objecto directo* ou o *predicativo* vem antes do verbo; ex: Graças vos dou etc.; Muito obrigado *lhe* sou etc.

8ª) Nas orações *interrogativas*, quando vem, antes do verbo, alguma das expressões: *como*, *de que modo*, *quando*, *onde*, e outras semelhantes, o pronome obliquo (objecto directo ou indirecto) deve ser collocado antes do verbo, de modo que o sujeito não venha *nunca* *intercalado* entre a expressão interrogativa e o verbo; ex: Como se portou tua prima? Onde *me* encontrarei com elle? Por que não *me* escreveu Antonio? E não: Como tua prima se portou? etc.

—Pondo o sujeito no começo da oração, pode-se dizer, e é correcto: Tua prima *como se* portou?

—Quando a propria expressão interrogativa é que é o sujeito, é rigoroso que sua collocação seja no principio da oração, e, por consequente, antes do verbo; ex: Que bem *te* provirá dahi? Quem vos insultou hontem?

—Quando se usa a expressão idiomática *como é que*, *porque é que*, *onde é que*, etc., o sujeito poderá vir, correctamente, antes do verbo que se segue porque a pergunta já está formulada pelo verbo *é*, que precede; ex: Como é que tua prima se portou? Onde é que ella está?

9ª) *Eu, parece-me...* é correcto; *eu me parece...* é errado. A *alysé* é esta: *Eu* é uma oração elliptica; é o mesmo que: eu (penso assim) parece-me que você vai mal. *Eu* não é nem podia ser sujeito de *parece*. Um absurdo!

Tempos compostos:

10ª) Nos tempos compostos o pronome obliquo se colloca antes ou depois do *auxiliar*, nada influindo o *participio passado*; ex: *Tenho-me* *distrahido* bastante; *tendo-me* o ministro *communicado* etc.; João não *me tem* *respondido* nenhuma carta. Vê-se desses exemplos, que a collocação obedece ás regras quanto aos verbos nos tempos simples acompanhando o *auxiliar* enclítico ou procliticamente.

11ª) Com o *participio presente affirmativo* (*) sempre se colloca o pronome depois, mesmo que haja na phrase adjuncto adverbial, relativo ou conjuncção, porque esses não influem sobre o participio e sim sobre o verbo principal; ex: O homem que, *erguendo-se* do pó, attinge grande posição, *se revela um forte*, isto é, o homem que se revela um forte, *erguendo-se* do pó, attinge alta posição.

Excepções quanto ao participio presente:

a) Colloca-se antes quando o participio presente vem precedido da preposição *em*; ex: Elle, *em se tratando* de estudar, fica alerta.

b) Tambem se colloca antes, quando o participio vem precedido de uma negativa; ex: Ella, não *se tratando* de folia, está sempre com somno. Este caso é dado como excepção pelos grammaticos, mas parece-nos que não é propriamente uma excepção quanto ao participio, porque o facto se verifica sempre com a negativa, sendo ou não a oração de participio. Cahe-se na regra estabelecida, que a negativa attrahe o pronome.

12ª) Quando o *participio presente* é precedido de *auxiliar* o pronome se colloca em relação ao *auxiliar*, como nos casos do participio passado; ex: *Estou me preparando*; *elle não me vendo* não corre.

13ª) Com o verbo no *futuro* ou *condicional* o pronome nunca se pospõe; ex: *Eu me* faria ouvir etc.; é erro dizer: *Eu* faria *me* ouvir.

Com a flexão verbal *ei*, *ás*, *á* etc., o pronome deve ir entre a flexão e o radical; ex: *Eu far-me-ei* representar etc.

Pode-se aqui lembrar a classificação (sem maior importancia) de alguns grammaticos em pronomes, quanto á sua collocação: *procliticos* (antes do verbo); *mesocliticos* (entre o auxiliar e o participio passado, ou entre o radical da forma verbal e a desinencia ou flexões *ei*, *ás*, *á* etc. como nos exemplos: *far-me-ei* e *tenho me esforgado*; e *encliticos* (depois do verbo).

14ª) Com o *imperativo* o pronome objecto vai depois do verbo; ex: *Resigna-te* etc. A forma imperativa nunca se usa com a negativa. Nesse caso usa-se o verbo subjuntivo: ex: Não *te retires* antes de mim etc. Só em poesia, por causa do metro, se destrôe essa regra do imperativo: Agora, tu, Calliope, me ensina (Camões).

15ª) Com o verbo no *subjunctivo* obedece-se á regra geral. Porém quando elle é optativo com força de imperativo, mesmo sem negação, conjuncção etc., põe-se o pronome objecto antes do verbo, se o sujeito vier antes do verbo, ex: *Deus nos livre* etc. Se o sujeito vier *depois* tambem o pronome virá *depois*; ex: *Valha-me* Deus!

16ª) Com o *infinito isolado* o pronome é enclítico, isto é, depois d'elle; ex: *Declarar-nos* suspeitos; o *var-te* e *abraçar-te* é um prazer.

Quando o *infinito* vem regido das preposições *a*, *de*, *para*, *por*, o pronome vai antes ou depois indifferentemente; ex: *Para se proceder* bem ou *para proceder-se* bem; a falar a verdade. Depende da euphonia.

17ª) Com o *infinito* precedido de negação o pronome é proclítico (vem antes d'elle); ex: *Para não se* falar alto.

18ª) Com dois verbos, um no modo finito e outro no modo infinito, o pronome objecto vai antes ou depois, quando o pronome é objecto do infinito; ex: mandei-os esboçar, ou, mandei esboçar-os. Vai sempre antes, quando o pronome é objecto do verbo no modo finito; ex: Mande-i-o viajar, e não, mandei viajar-o.

19ª) Com dois *infinitos* redigidos da preposição *sem*, o pronome se colloca antes ou depois, indifferentemente; ex: Pedro cahiu sem *se poder* mexer, ou, sem poder *mexer-se*.

20ª) Com dois *infinitos*, quando o pronome é objecto do primeiro e vem precedido de *negativa*, ou relativo etc., colloca-se antes; ex: Não o mandei estudar; que o faça caminhar etc. Cahe-se no preceito estabelecido sobre a negativa em geral.

(*) Naturalmente, um dos auctores que vimos compulsando colloca o participio presente entre os tempos compostos porque elle se conjuga tambem mui frequentemente com auxiliares (*estou escrevendo*) etc. Ha nisso uma impropriedade de classificação.

A. Teixeira Duarte

Loterias da Capital Federal

Companhia de Loterias Nacionais do Brasil

Extracções publicas, sob a fiscalização do governo federal, ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas

RUA VISCONDE DE ITABORAHY, 43

Sabbado, 20 do corrente (ás 3 horas da tarde)

385 - 2°

100:000\$000

**POR 1\$700
EM MEIOS**

Grande e extraordinaria loteria para S. João — Em tres sorteios

Sexta-feira, 23 e sabbado, 24 de junho

A's 3 horas da tarde

A's 11 horas da manhã e 1 da tarde

326 - 3°

1.º sorteio 100:000\$000 2.º sorteio 100:000\$000 3.º sorteio 200:000\$000

TOTAL DOS PREMIOS MAIORES **400:000\$000**

PREÇO DO BILHETE INTEIRO 16\$000, EM VIGESIMOS DE 800 RÉIS

De accordo com o novo contracto, fica supprimido o imposto de 5 %.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais 600 réis para o porte do correio e dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C., rua do Ouvidor n. 94, caixa n. 817. Telegr. LUVEL, e na casa F. Guimarães, Rosario, 71, esquina do Becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1273.

“Cruzeiro do Sul”

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

SEGUROS DE VIDA E ACCIDENTES

Capital 800:000\$

Deposito no Thezouro 300:000\$

Presidente — Dr. João Teixeira Soares

Directores — João Augusto Americo Machado e
Delfim Horta de Araujo

Offerece aos seus segurados as mais solidas garantias e sub-
mette-se sem reserva á fiscalização da Inspectoria Geral de Seguros

TELEPHONE N. 2628 (Norte)

Caixa Postal 1064

End. telegr. CRUZUL

Séde - Rua da Quitanda n. 120 - 1º andar

RIO DE JANEIRO

Cervejaria Germania

Viuva Kremer de Castro

JUIZ DE FÓRA — MINAS

Fabricação de cerveja pelo systema frigorifico,
que é o de baixa temperatura.

Tem as seguintes qualidades já acreditadas:

Germania-Pilsen
Mineira e Triumpho } **CLARAS**
Kulmbach, Escura

Stout, esta só em meias garrafas—similar
à preta ingleza — muito aconselhada aos que
soffrem do estomago, aos convalescentes, às
exmas. senhoras no periodo da amamentação;
seu uso é aconselhado pelos valiosissimos
attestados dos drs. Eduardo de Aenezes, Mar-
tinho da Rocha, Lindolpho Lage, Sebastião
Mascarenhas, Emilio Machado e José Men-
donça e muitos outros clinicos conceituados
desta cidade.

Premiada nas exposições: Leopoldina, 1907; Na-
cional, 1908; Bello Horizonte, 1909 com medalhas
de ouro e grande premio de Turim em 1911.

Grande Hotel

É O MELHOR E O MAIS
CONFORTAVEL ESTABE-
LECIMENTO DE HOSPE-
DAGENS DE MINAS GE-
***** RAES *****

Santos Martinelli PROPRIETARIO
E GERENTE

Rua da Bahia

BELLO HORIZONTE

CASA OMEGA

Brilhantes e



pedras finas

FABRICA DE JOIAS

Ernesto Bartolota

Ourives, relojoeiro e gravador

Grande sortimento de joias, relógios, pendulas,
despertadores, anéis de grão e medalhas para cartas.

Concertos de relógios de qualquer auctor. Compra
e vende ouro, prata e pedras preciosas. Artigo em



grosso. Opticas diversas.



RUA DA BAHIA N. 916

BELLO HORIZONTE

Café Guarany e Bilhares

DE

Carrera & Martins

TELEPHONE N. 656

S. PAULO

O nome "Café Guarany" está registrado em todo o paiz.

E' no genero o estabelecimento mais chic e elegante do Brasil. Unico completo e á altura dos congeneres da Europa. No salão de bilhares encontram-se

XADREZ, DAMAS, PING-PONG

e muitos outros divertimentos.

O
MELHOR
REMEDIO
CONTRA
CALLOS
E' O



CALÇADO

Villaca

DEPOSITO EM BELLO HORIZONTE
AVENIDA AFFONSO PENNA, 739

Todo o calçado de nossa fabricação leva a palavra VILLACA em manuscrito conforme fac-similes acima

DEPOSITO NO TRIANGULO

Rua Direita, 6 A — Telephone 2.057 — S. Paulo

Artigos para Photographia

Otto Stück

PREÇOS MODICOS

RUA S. BENTO, 67

SOBRADO

ALTOS DO CAFE' BRANDÃO

Caixa do Correio, 433 -- Telephone, 2160

S. PAULO

Peçam catalogo de Janeiro de 1916

A PHOTOGRAPHIA

J. M. RETES

encarrega-se de confecção de quadros de formatura, não só para a Capital do Estado, como também para o interior, tendo para esse fim pessoal habilitadissimo e competente.

Esta casa, dirigida por pessoa que possui longa pratica, adquirida nas principaes photographias da Europa, pôde offerecer ás maiores garantias para os seus trabalhos de arte.

Rua da Bahia, 1057

Bello Horizonte

CASA MODELO

Tancredo Ferreira Tinoco

Fazendas, modas, armarinho, roupas brancas para homens, senhoras e crianças

VENDAS A DI' HEIRO

TELEPHONE, 368

RUA DA BAHIA, 1025

BELLO HORIZONTE

Incontestavelmente

— 0 — Consortio Precioso

E' o mais lindo e original invento de joalheria.

INVENTOR FRANCELINO HORTA

Os mais ricos trabalhos estão expostos na Joalheria Diamantina, depositaria do extraordinario invento nesta Capital

RUA DA BAHIA, 1045
BELLO HORIZONTE

Papelaria e Livraria

Officinas de Typographia, Pautação e Encadernação

Livros de direito, medicina, litteratura, romances, etc. Deposito de papel e livros em branco e objectos de escriptorio. Vendas por atacado e a varejo

VILLAS-BOAS & COMP.

Objectos de pintura a oleo, aquarella e phantasia. Artigos para desenho, engenharia e escolares

TELEPHONE, 616

CASA MATRIZ

1050, Avenida Affonso Penna, 1055
BELLO HORIZONTE

Rua Sete de Setembro, 219 a 225
RIO DE JANEIRO

A INDUSTRIAL

G RANDE SERRARIA, MARCENARIA E

== CARPINTARIA ==

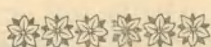
MOVIDA A ELECTRICIDADE

Garcia de Paiva & Pinto

CONSTRUCTORES

MADEIRAS E MATERIAES DE CONSTRUÇÕES

Deposito e Escriptorio — Avenida Tocantins, 809 — Telephone, 159



BELLO HORIZONTE



ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

Novo deposito de artigos de
electricidade para luz, força, telephones, campainhas, etc

Inaugurado a 15 de novembro de 1915

Propriedade do senhor

Domingos de Meira

A casa que mais em conta vende estes artigos nesta capital

RUA GUAYCURUS, 894

BELLO HORIZONTE



CASA GIACOMO



A mais importante agencia de
publicações nacionaes e extran-
geiras do Estado de Minas

Giacomo Aluotto & Irmão

Agentes exclusivos dos principaes
diarios e revistas do Rio e
São Paulo, para os quaes recebem
assignaturas sem commissão.

VENDA AVULSA

SECÇÕES DE LOTERIA E FUMOS

CASA MATRIZ:

Rua da Bahia, 860

FILIAES:

*Rua da Bahia, 936 — Rua Caetés
n. 662 — Praça da Estação, 230*

BELLO HORIZONTE

**JORNAES,
REVISTAS
E
FIGURINOS**

A casa que
mais sortes
TEM
distribuido



CASA BENJAMIM



IMPORTADORES E EXPORTA-
DORES — MOLHADOS E GE-
NEROS DO PAIZ — VENDAS
POR ATACADO E A VAREJO

DEPOSITO DE ASSUCAR REFI-
NADO E FILTRADO DA SUA
REFINARIA BRAZIL

Rua dos Caetes N. 626

Bello Horizonte

DEPOSITARIOS D AS AGUAS
MINERAES CAMBUQUIRA, A
RAINHA DAS AGUAS

MANTEIGA MINEIRA DA COM-
PANHIA CURVELLANA — CI-
MENTO FRANCEZ E DYNAMITE
CHEDITE

Telephone, 21

Magalhães & Comp.

Succe sores de J. Benjamm